ANNO XV — RIO DE JANEIRO, 30 DE DEZEMBRO DE 1916 — N. 746

O MALHO

Escriptorio e redacção
RUA DO OUVIDOR, 164
— E —
RUA DO ROSARIO, 173
Num. avulso 300 rs.

ANNO NOVO: A LIMPEZA DA «CASA»

WENCESLAU: — Vae por ahi tanta bagaceira, tanta sujeira na Politica, na Administração e principalmente na Justiça, que se eu e tu não tratarmos da limpeza da casa, ninguem mais o fará e teremos um Anno Novo cheio do mesmo lixo do Anno Velho... *ZE' POVO*: — Pois é aproveitar a maré e cascar a vassoura em tudo, continuamente! Não ha melhor remedio... 'E conte sempre commigo para remover o lixo, e, se fôr preciso, para ajudar o varredor nas suas benemeritas vassouradas!...

LEIAM O "TICO-TICO", UNICO JORNAL EXCLUSIVAMENTE PARA CREANÇAS.

Os apparelhos de salvação de Kapok

Designa-se commercialmente, sob o nome de Kapok, a felpa ou sêda vegetal fornecida pelos fructos maduros de varias bombaceas e, principalmente, da arvore muito conhecida nas diversas colonias africanas e asiaticas e em certas regiões da America Latina, sob a denominação de "Fromager".

Ha dez ou doze annos que o Kapok tem importancia. Tornou-se um artigo corrente cotado no mercado. E'is agora uma recente descoberta que vae duplicar o seu valor e offerecer um novo campo de acção aos seus exploradores. Empregado sob a forma de apparelhos de salvação, o Kapok revelou incomparaveis qualidades. A Sociedade Central de Salvamento de França, depois de ter feito, na Exposição de Casablanca, demonstrações extraordinariamente interessantes, já emprega o Kapok em muito grande escala na fabricação de cintos, plastrons, boias e mesmo no enchimento das paredes estanques das varias embarcações.

O Kapok é dotado de uma fluctuabilidade excepcional. Essa fibra sedosa, levemente saponifera, inaccessivel á agua é capaz de carregar trinta a trinta e cinco vezes o seu peso n'agua, ao passo que a cortiça ordinaria carrega menos cinco vezes, a cortiça calcinada e o pello de rêna dez vezes. A sua densidade e a sua faculdade de embebição são infinitamente menores do que as de todas as materias empregadas até aqui na fabricação dos apparelhos de salvamento. Essas qualidades foram nitidamente estabelecidas nas experienciaas feitas em Glasgow, nos estaleiros de Saint-Nazaire, etc...

A ALTA DO DIAMANTE

Deve-se n'este periodo de vida cara, lamentar a carestia dos diamantes? Não nos parece, pois isso permitte aos felizes de outr'ora, affrontarem as difficuldades da hora presente, vendendo as suas joias por bom preço, e pouco importa que os novos ricos restituam á circulação mais ou menos, d'essas notas azues, que elles ganharam tão facilmente, emquanto outros se faziam matar ou mutilar. Alguns pretendem que a alta provém do que os hungaros só empregam o dinheiro em diamantes e pedras preciosas. O exemplo foi seguido pela Allemanha, pois, nos imperios centraes se tem tão pouca confiança nas finanças do paiz, e tão grande é o receio da requisição de tudo quanto possa ser util á guerra ou á alimentação, que os capitalistas compram todas as pedras preciosas disponiveis.

L'information Universelle

Acha-se á venda

Almanach d'«O TICO-TICO» para 1917

Preço 4$000. Pelo Correio mais 500 Rs.

OS CONCURSOS D' "O MALHO"

9:000$000

DE PREMIOS EM DINHEIRO

«O MALHO», querendo proporcionar a seus leitores e amigos a opportunidade de adquirirem, sem dispendio, moveis, joias e outros objectos de valor resolveu organizar para isso sorteios de «coupons», que emittimos em todos os numeros.

Nossos leitores poderão, assim, com a maior facilidade, se habilitarem aos grandes sorteios do Malho, nos quaes daremos em premios 9:000$000, EM DINHEIRO.

Por isso, devem cortar e guardar, até completar cada série e remetter em seguida a nosso escriptorio, o «coupon» abaixo estampado, para que lhes entreguemos em troca um cartão com varios numeros, conforme o numero de bilhetes, variavel, de cada Loteria. Com esses cartões ficarão habilitados para nossos grandes sorteios, conforme as explicações, que abaixo vão mencionadas.

Concurso Mensal

250$000 (em dinheiro)

Daremos mensalmente, **em dinheiro**, um premio de 250$000, mediante sorteio, que se fará sempre pelas extracções da Loteria Nacional.

Para concorrer a este premio é bastante colleccionar os coupons d'este concurso emettidos durante o mez e nol-os trazerem ou enviarem por carta. Em troca, daremos um cartão numerado contendo diversos numeros, que entrarão em sorteio e darão direito a premio, de accordo com a extracção da Loteria Nacional, no primeiro sabbado do mez seguinte.

Concurso Trimestral

Janeiro a Março—Abril a Junho—Julho a Setembro e Outubro a Dezembro

500$000 (em dinheiro)

Alem dos premios mensaes, daremos trimestralmente, em dinheiro, um **premio de 500$**.

Para este concurso é preciso que nos enviem os coupons correspondentes ao trimestre em que forem emittidos, que em troca daremos um cartão numerado, correspondendo a diversos numeros da Loteria Nacional com o qual ficarão habilitados para o sorteio, d'este concurso que terá logar com a extracção da Loteria Nacional, no primeiro sabbado depois de findo o trimestre.

Concurso Semestral

Janeiro a Junho e Julho a Dezembro

VALOR 1:000$000 (EM DINHEIRO)

Em troca dos coupons d'este concurso, emittidos durante o semestre, daremos um cartão numerado que dará direito aos sorteios semestraes.

Cada série d'esses coupons, que nos apresentem, daremos em troca um cartão numerado, contendo diversos numeros correspondentes á Loteria Nacional.

O sorteado neste concurso fica com o direito a receber no nosso escriptorio o premio no valor de **1:000$000**.

Os sorteios d'esta série realizar-se-hão com a extracção da loteria, no primeiro sabbado depois de findo o semestre.

Concurso Annual

Janeiro a Dezembro

VALOR 2:000$000 (EM DINHEIRO)

Em troca de cada série de coupons d'este concurso emittidos durante o anno, daremos um cartão numerado, correspondendo a diversos numeros da Loteria Nacional, com o qual o possuidor ficará com o direito ao sorteio annual. O sorteado neste concurso ficará com o direito de receber no nosso escriptorio o premio de **2:000$000**.

Este sorteio annual realizar-se-ha com a Loteria do 1º Sabbado do mez de Março vindouro. Vide declaração na pagina seguinte.

OBSERVAÇÕES:

Para que nossos leitores se habilitem a todos os sorteios mensaes, devem nos enviar os coupons correspondentes a cada mez, sendo que nos mezes de 5 sabbados, deverão nos remetter os 5 coupons que nesse mez tivermos emittido. Para tomar parte nos concursos trimestraes, semestraes ou annuaes, os nossos leitores devem nos enviar os coupons correspondentes ao trimestre, semestre ou anno em que tiverem sido emettidos, declarando a que concurso desejam concorrer, para que recebam em troca um cartão numerado, contendo os numeros com que entrarão no sorteio correspondente, da Loteria Nacional.

Fica entendido que uma mesma pessôa poderá concorrer a todos os concursos desde que apresente series completas com o numero de coupons necessarios para cada concurso.

— Nossos leitores do interior enviar-nos-hão seus coupons em carta registrada, acompanhada de uma nota com o nome, morada, logar, cidade e Estado onde residir o remettente, **e mais 300 réis em sello, para o registro da carta de volta sem o que não remetteremos o cartão numerado que dará direito aos sorteios.**

Deverão cortar e guardar os coupons, que formos emittindo e que sahirão sempre nesta pagina, para nos remetter ou entregar NO FIM DE CADA MEZ, trimestre, semestre ou anno, conforme fôr o sorteio a que desejarem concorrer.

— Continuam em vigor os sorteios semanaes, que faziamos, em dinheiro, por meio de nossas edições numeradas, á margem de cada exemplar.

Resultado dos concursos MENSAL (coupons de 44 á 47 do mez de Novembro extrahidos em 2 de Dezembro. Vide pagina seguinte.

O encarniçamento da batalha de Somme

A luta entre allemães e inglezes, no Somme, ultrapassa em encarniçamento tudo o que se póde imaginar. Os soldados allemães se batem, ahi, como loucos, com o furór do desespero e o odio que, ha dous annos, todo o bom allemão nutre no seu coração contra a Inglaterra, a qual destruiu tantos e bellos projectos e imaginou, além d'isso, o bloqueio de que a Allemanha muito soffre.

Mas a coragem ingleza não é menos terrivelmente determinada do que a coragem allemã. Traduz-se, simplesmente, de outro modo. Nos combates de 14 de Julho, uma brigada de cavallaria hindu' viu-se perante um bosque em que os troncos das arvores estavam ligados por fio de ferro, emquanto metralhadoras se achavam installadas no galhos. Cumpria, no emtanto, resistir, para dar tempo a que a infantaria avançasse. E as metralhadors funccionavam; a brigada de heróes deminuia, na impossibilidade de defender-se utilmente contra os seus inimigos quasi invisiveis.

Foi então que um aviador britannico, vendo o perigo, veiu vôar a trinta metros apenas acima das arvores, crivando de balas os atiradores allemães occultos nos ramos das arvores. Todas as metralhadoras tiveram de visar o aeroplano.

Quando a brigada foi salva, o aviador, milagrosamente indemne, subiu mais alto. Mas, perguntou, por telegraphia sem fio, se o general desejava que elle descesse de novo para executar um tiro de "barrage". "Não, obrigado; já não é necessario", respondeu, laconicamente, o general inglez.

L'Information Universelle

OS CONCURSOS D'«O MALHO»

Continúa o successo dos nossos concursos que, sem outro dispendio além do preço do exemplar d'«O MALHO», proporcionam aos leitores o inestimavel beneficio dos

PREMIOS EM DINHEIRO

C [illegible] HO»

Extr [illegible] ezembro

C [illegible]

pert [illegible] ico reali-
dent [illegible] 3301 a
334 [illegible] do mes-
mo S [illegible]

C [illegible] HO»

D [illegible] mações
dos [illegible] lor, que
desejam tomar parte no CONCURSO ANNUAL, e os quaes pela escassez de tempo não podem effectuar a troca de seus **COUPONS** — resolvemos que esse concurso seja extrahido com a loteria do **PRIMEIRO SABBADO DO MEZ DE MARÇO,** proximo futuro.

Leiam O TICO-TICO, unico jornal exclusivamente para creanças.

Para obter emprego rendozo – Combater atrazos de vida – Ter sorte em negocios, loteria e jogos – Curar-se de vicios, maleficios e doenças – Cazar bem e depressa, ou ter o amor dezejado – Descobrir o occulto ou adivinhar:

Uzae um dos 4 talismans, fabricados pelo professor inglez Dr. Milton, e que tem registradas as seguintes marcas:

Preço: 20$000

Preço: 30$000

Preço: 40$000

Preço: 50$000

Os milagres de Moysés, Salomão, Simão o Mago, São Francisco Xavier, São Thomaz de Aquino e outros grandes thaumaturgos do Oriente ou do Occidente, eram produzidos pela influencia que sobre os *elementos do Invisivel,* exercem estes signaes da sagrada Kabala occultista dos *Grandes Mysterios* do antigo Egypto. São a *chave dos arcanos;* e por isso os elementos lhes obedecem quando em talismans confeccionados pelas regras occultistas. São como as maneiras distinctas ou os vestuarios elegantes que, quando em homens ou mulheres, fazem, mesmo que estes não tenham merito, tratal-os com consideração e imital-os, o que constitue facilidade para os imitados obterem o que desejam! Nossos talismans são de *pedra iman* dita *milheira,* porque induz a influencia occulta multipla para o *milharal, em fortuna,* e porque não é um bocado de aço imantado, pois reduz-se facilmente a pó, e suas influencias magneticas, constataveis por bussola como a dos navegantes, persistem concentrando a aura dos desejos, afim de terem uma grande energia como a do vapor quando concentrado em caldeira.

Não podem deixar de ser raros os confeccionadores de talismans, porque sua verdadeira fórmula não é ensinada em livros, e porque, para dotal-os de poderes occultos, ha necessidade da influencia pessoal de occultistas mui evoluidos. Estes verdadeiros talismans possuem *alma,* isto é, uma influencia que, em semi-somnambulismo, se vê d'elles irradiar, influencia tão em afinidade com as pessoas que os tiverem uzado algum tempo que, qualquer modificação nos pensamentos, sentimentos ou vontades d'essas pessoas, tomará logo, na irradiação dos talismans, uma fórma adequada ás idéas, mesmo que os talismans estejam então mui afastados ou em outra caza.

Não necessitam, da parte da pessoa que adquire-os para uzo proprio, uma preparação, consagração ou instrucção de hypnotismo, magnetismo ou occultismo. Podem ser uzados por pessoas com ou sem saude, homens, senhoras e crianças, e já estão, por verdadeiro mestre occultista, saturados de todos os poderes occultos, afim de favorecerem os dezejos de bem-estar de qualquer pessoa.

Para se obter facilmente o que se dezeja pelo pensamento, *não basta querer: é tambem necessario* trabalhar de accordo com a inspiração do dezejo, — ou ,pelos menos, ter um d'estes talismans; pois pela concentração das forças magneticas de que estão saturados, equivalem ao trabalho, o qual, por isso, torna-se desnecessario.

Para poder, deve-se crêr que se póde; e esta fé deve traduzir-se immediatamente em actos ! Vós, pois, que vos apresentaes deante da Sciencia dos Magos, que lhe pedis ? Adquiri um dos quatro *Talismans* de cuja figura acima mais sympathisardes ! Concentrae nelle vossos desejos por meio de qualquer prece mental, — e o que quizerdes se fará mais ou menos abundantemente e num tempo mais ou menos curto dependente da energia da vossa vontade combinada com o potencial magnetico de que está carregado o *Talisman?*

Os effeitos de todos elles, para qualquer fim, são eguaes, menos na brevidade e abundancia da realisação; pois o que está em primeiro logar ou é mais barato, *possue metade do potencial magnetico do Talisman* que se lhe segue, de maneira que o mais poderoso é o Talisman Rei Mago, o que está em ultimo logar.

Vosso sacrificio de dinheiro por estes Talismans será como a semente que se perderá na terra afim de dar uma arvore com muitos fructos de sementes, ou como a póda de alguns ramos afim de que a arvore possa robustecer-se! Como só se estima aquillo que custou, os Talismans que forem *gratis* não prestam, não podem dar o effeito psychico da fé consequente á estima ou sacrificio pelo que elles custaram em dinheiro. O *caro* é um meio de auto suggestionar-se para se ter influencia psychica, porém, com a influencia dos verdadeiros Talismans, deve ser tambem a dos *elementos do Invisivel,* os quaes não obedecem ao *caro,* mas só aos signos creadores revelados pela Kabala sagrada, eis a razão pela qual vos recommendamos nossos Talismans. A fé *remove montanhas,* tal como o Christo o disse; mas, para ter esta força, torna-se necessario

consubstancial-a em cousas materiaes, visto que o pensamento necessita apoiar-se no concreto, para poder crear coizas materiaes. Não se pode ter idéa do que seja um homem senão quando, na falta do homem que se deseja conceber, apoia-se o pensamento numa fórma material anologa, *ainda que não semelhante*. D'ahi a razão dos Talismans, —a necessidade do espirito incarnar-se nas formas materiaes análogas áquelas que irão constituir seu elemento de vida no mundo espiritual, quando elle desencarnar-se. As religiões sem imagens, sem expressões materiaes, têm menor influencia sobre as massas,—e portanto, se seus sacerdotes forem reaes crentes e evoluidos em igualdade aos das outras crenças, com as quaes se puzerem em desafio, farão milagres menores. A fé todos a podem ter, mas a fé necessita apoiar-se nos rigores da kabala, sonsubstanciados nos nossos Talismans !

Enviae a respectiva importancia em vale postal a MILTON & COMP. — CAIXA POSTAL 1734 — CAPITAL FEDERAL. As pessoas residentes na CAPITAL FEDERAL poderão adquiril-os na CAZA DIXIE, RUA DO ROZARIO 147.

O Valôr do coupon como meio de propaganda

SR. NEGOCIANTE: o seu melhor capital é a sua freguezia. Os seus freguezes compram na sua casa porque acham conveniencia nisto. Elles comprariam mais se conhecessem todos os artigos que V. S. tem á venda.

Uma caixa registradora "NATIONAL" do ultimo modelo, imprime automaticamente qualquer reclamo nas costas dos coupons ou das notas de vendas. Estes reclamos podem ser variados frequentemente e com a maxima facilidade e vão nas mãos dos seus freguezes diariamente. E' o meio mais efficaz de propaganda para o seu negocio e custa uma bagatella.

Esta é apenas uma das muitas vantagens da machina.

Escreva-nos hoje e lhe daremos mais detalhadas informações sobre o meio de augmentar os seus lucros, por meio d'este valioso auxiliar.

S. Paulo, Santos,
Pernambuco
Bahia e Curytiba

CASA PRATT

Casa Matriz
OUVIDOR, 125
Rio de Janeiro

IMPRESSO EM MACHINAS ROTATIVAS DE MARINONI

Anno XV — REDACÇÃO, ESCRIPTORIO E OFFICINAS RUA DO OUVIDOR N. 164 E RUA ROSARIO 173 — N. 746

A ultima «lettra» do Congresso. Protesto do «arara»

«Tendo declarado o relator da Receita, no Senado, que os orçamentos apresentavam um saldo de 800 e tantos contos, o relator da Receita, na Camara, contradictou essa declaração e provou que os orçamentos ficavam com um *deficit* não pequeno. Pelos calculos feitos, ascende tal *deficit* a 50 e tantos... mil contos; e é sob essa triste impressão que o Congresso termina os seus trabalhos... »—(*Dos Jornaes*)

DEFICIT

Wenceslau: — Apre!... Eu doidinho por vêr todos estes papagaios pelas costas e *elles* de cara, até a ultima hora, papando os ultimos grãos do subsidio!...

Calogeras: — E o peor não é isso: o peor é o sabugo da espiga, que elles deixam ficar para o arara!...

Zé: — O arara sou eu! O arara sou eu! Mas protesto contra este papel, contra o sabugo e contra todos que concorreram para elle! Sou arara, sim, mas só interinamente... Um dia viro raposa, viro leão, e quero vêr, depois, quem é que brinca commigo, quem é que me engazopa!...

EXPEDIENTE

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS DOS JORNAES DA SOCIEDADE ANONYMA «O MALHO»

Capital e Estados	1 ANNO	9 MEZES	6 MEZES	3 MEZES
«A Tribuna»	30$000	23$000	15$000	8$000
«O Malho»	15$000	12$000	8$000	5$000
«O TicoTico»	11$000	9$000	6$000	3$500

Exterior	1 ANNO	6 MEZES
A Tribuna»	50$000	30$000
O Malho»	25$000	14$000
O Tico-Tico»	20$000	11$000

Pedimos aos nossos assignantes, cujas assignaturas terminam em 31 de Dezembro, mandar reformal-as para que não fiquem com suas collecções desfalcadas.

As assignaturas começam em qualquer tempo, mas TERMINAM EM MARÇO, JUNHO, SETEMBRO E DEZEMBRO de cada anno. NÃO SERÃO ACCEITAS POR MENOS DE TRES MEZES.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, deve ser dirigida á SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO", rua do Ouvidor, 164 — Rio de Janeiro.

CHRONICA

E lá se vae o 916!

Não deixa saudades, mas podia ter sido muito peor.

Num ponto, fechou mesmo com chave de ouro: essa "lavagem" na Justiça do Rio de Janeiro, dada pelo formidavel requerimento-libello do deputado Luiz Bartholomeu, que *O Malho* tambem publica neste numero, e que é uma analyse tremenda, mas justa e verdadeira, do pessoal encarregado de exercer e distribuir o que ha de mais sério, mais delicado, para segurança e boa ordem de uma sociedade civilisada — a Justiça.

Era preciso, realmente, que essas coisas viessem a furo; que houvesse alguem capaz de enfrentar a "esbornia" de todos os feitios em que vive a maior parte dos juizes, e, com mão de mestre, descrever o estado alarmante em que se encontram as togas sob as quaes somos a cada passo obrigados a acolher os nossos direitos, em conflicto; era preciso em summa, que se disesse a verdade, num conjuncto de factos que muita gente ignora.

Ora, o requerimento do deputado Luiz Bartholomeu, ao juiz da 1ª vara criminal, é o documento que faltava á historia d'essa justiça nojenta e caricata, que por ahi campeia e cuja espada symbolica é quasi sempre substituida pelo punhal ou pela gazua, quando o não é simultaneamente por ambos esses instrumentos do crime...

Lêr essa peça monumental é mergulhar num charco, mas é tambem crear uma esperança: a de que não está muito longe o dia da regeneração d'essa parte fundamental da existencia da nossa nacionalidade, pois é impossivel que deante d'essa denuncia tremenda—ainda accrescentada de outras provas vindas a lume—não provoque um movimento de melindre e de revolta naquelles que por sua posição podem e devem impedir a continuação d'essa orgia, d'esse escandalo, d'essa hecatombe para o bom nome da Nação e para os direitos de todos os seus habitantes.

* * * Mas, lá se vae o 916! Termina o "bruto" com os vislumbres da paz lobrigados atravez da intervenção dos Estados Unidos. Apenas isso. Porque d'ahi ao facto consummado e desejado por todos que já estão cançados e enojados de tanta guerra, de tanta chacina, de tanta malvadez, de tanto sangue e de tanta lama; d'essa iniciativa do Sr. Wilson á realização do futuro tratado de paz, ainda teremos muito que nos entediar e que nos revoltar com as noticias de feitos guerreiros, cuja efficacia para a terminação da luta por uma victoria definitiva continuará a ser egual a zero, como tem sido até agora...

Parece-nos, mesmo, que a paz não se fará emquanto todas — mas todas — as nações neutras não a impuzerem por qualquer meio "pacifico", mas decisivo.

Vemos os belligerantes muito ciosos das suas "glorias" e querendo fazer dos "rombos" e cicatrizes a muralha chineza contra as propostas de paz, exactamente como dous individuos visceralmente brigões, que, depois de se esmurrarem e esfaquearem reciprocamente, ainda querem continuar a briga, até que um caia morto ou os dous acabem por se devorar um ao outro...

* * * E pois que lá se vae o 916, é deixal-o ir com toda a bagagem sinistra accumulada!

Que os leitores d'*O Malho* lhe façam cruzes para apressar o ultimo salto no abysmo do passado e d'elle nunca mais ouvirem fallar como de um anno melhor do que aquelle em que estiverem!

São esses os votos do humilde rabiscador d'estas linhas, de par com as "bôas festas, bôas sahidas e melhores entradas", que o costume e a "chapa" tornaram obrigatorias.

Sim, amados leitores! Bôas festas imperturbaveis pela crise de juizo e finanças que assolam o Brazil! Bôas sahidas, sempre que um aperto imprevisto se apresente... e melhores entradas no bolo dourado, que porventura ainda escapar das "unhas maliciosas" a que o padre Antonio Vieira deu tanto relevo na sua deliciosa "Arte de Furtar"...

J. Bocó

A Embaixada Uruguaya visita «O Malho»

Em amavel visita de despedida, que muito nos honrou, estiveram nesta redacção os Srs. Dr. Baltasar Brum, Ministro das Relações Exteriores e Embaixador do Uruguay; senador Antonio M. Rodriguez, deputado Luis Alberto Herrera, general de brigada Julio Dufrechon e Dr. Juan Antonio Buero — membros da Embaixada que em nome da Republica vizinha veiu retribuir a visita do chanceller brazileiro.

O chefe e os membros da Embaixada Uruguaya descendo a escadaria do palacio Monroe após a visita feita á Camara dos Deputados.

EDIFICIO NOTAVEL

A convite de um gentil representante da firma Viuva Silveira & Filho, fomos vêr o grande edificio construido por essa abastada firma, para nelle funccionar exclusivamente a Fabrica e o centro de propaganda do popular e benemerito Elixir de Nogueira, depurativo do sangue. E' na rua da Gloria, n. 62, e domina a Avenida Beira Mar, no trecho que lhe fica fronteiro. Grandioso e primorosamente dividido em amplos compartimentos, destinados ás diversas secções do Laboratorio e da propaganda, apresenta a mais original e imponente fachada existente nesta capital, empolgando a vista de quantos por alli passam.

Um trecho da parte inferior da fachada da nova Fabrica do Elixir de Nogueira

Realmente foi uma feliz idéa a construcção de um edificio d'essa ordem, num dos pontos de maior transito da cidade. Com isso, os adiantados industrialistas provaram não só o seu inquestionavel tacto e bom gosto, como principalmente o possança da firma, oriunda unicamente da excellencia e popularidade do Elixir de Nogueira, o grande medicamento, cujo consumo é o maior da America do Sul e cujo numero de curas, as mais importantes, vae num crescendo invejavel.

Gratos á gentileza do convite, confessamo-nos deslumbrados pelas impressões colhidas nessa visita ao grandioso e original edificio da firma Viuva Silveira & Filho.

Um grande problema resolvido!!!
Não ha mais neurasthenia, fraqueza, nervosismo, insomnia, falta de appetite e outras molestias produzidas por desiquilibrio nervoso ou enfraquecimento muscular, pois um só vidro de
DYNAMOGENOL
cura todas estas perturbações - tornando os individuos fortes e sadios.
1° nos casos de nervosismo, ataques, palpitações, falta de memoria, medo, irritabilidade, dôres de cabeça, fraqueza do peito, cansaço -- o doente tomando 4 colheres de sopa, por dia, em meio copo com agua em 10 dias, sente-se curado.
2° nos casos de phosphatinia, anemia, rachitismo, flores brancas, cores pallidas, impotencia cerebral e viril ao terceiro dia de uso (nas doses de 3 colheres por dia) o doente consegue a cura (não deve usar alcool).
3° nos casos de cansaço cerebral observado nos collegiaes, escriptores, padres, advogados, guarda-livros e todos os individuos cuja profissão obriga a grandes perdas de energia cerebral desde a primeira colher principiam a sentir allivio.
4° a senhora gravida, a ama, etc., tomando DYNAMOGENOL conseguem ter abundancia de leite e dar á creança uma conformação ossea completa; e um equilibrio nervoso normal ás creanças que se formam ou amamentam.
Uma colher de Dynamogenol correspoude a um bife de 250 gr. (1|4 de kilo), a 6 ovos, ou melhor, a uma refeição normal
Vende-se em todo o mundo
Deposito geral: Pharmacia Marinho --- rua 7 de Setembro, 186
RIO DE JANEIRO

Roberto Pereira (Maranhão) — Francamente, não valeu a pena gastár papel, tinta e sellos com o conto *As originalidades do Tiburcio.*

Se ao menos tivesse fórma acceitavel... mas, qual ! uma embrulhada de arripiar couro e cabello !

Quanto ás "originalidades", propriamente ditas, foi mais completo o fracasso: o seu personagem repete o que já é muito conhecido, depois do "Amigo Banana; o Polycarpo, conhece? — aquelle de quem o autor dizia :

Traz as botas por fora das meias
E as ceroulas por dentro das calças...

Decididamente, nem "maranhões" originaes existem mais no Maranhão !...

Lucio Olivense (Mosqueiro) — Recebidos dous numeros d'*O Binoculo*, jornalzinho bem sympathico, e dous sonetos seus, um dos quaes é este :

"MINHA CARTOLA

Ao Augusto Lobato :

Adeus, minha *boquêra* ou chapéu duro,
Chegou emfim teu fim,—adeus cartola !
Pois, não querendo eu dar-te por esmola
Vou, com pena, jogar-te no monturo !

Por trez annos cobriste-me a cachola,
Resguardando-a do sol, que pouco aturo,
E do jórro hibernal do veio puro,
Que em catadupas lá do espaço rola.

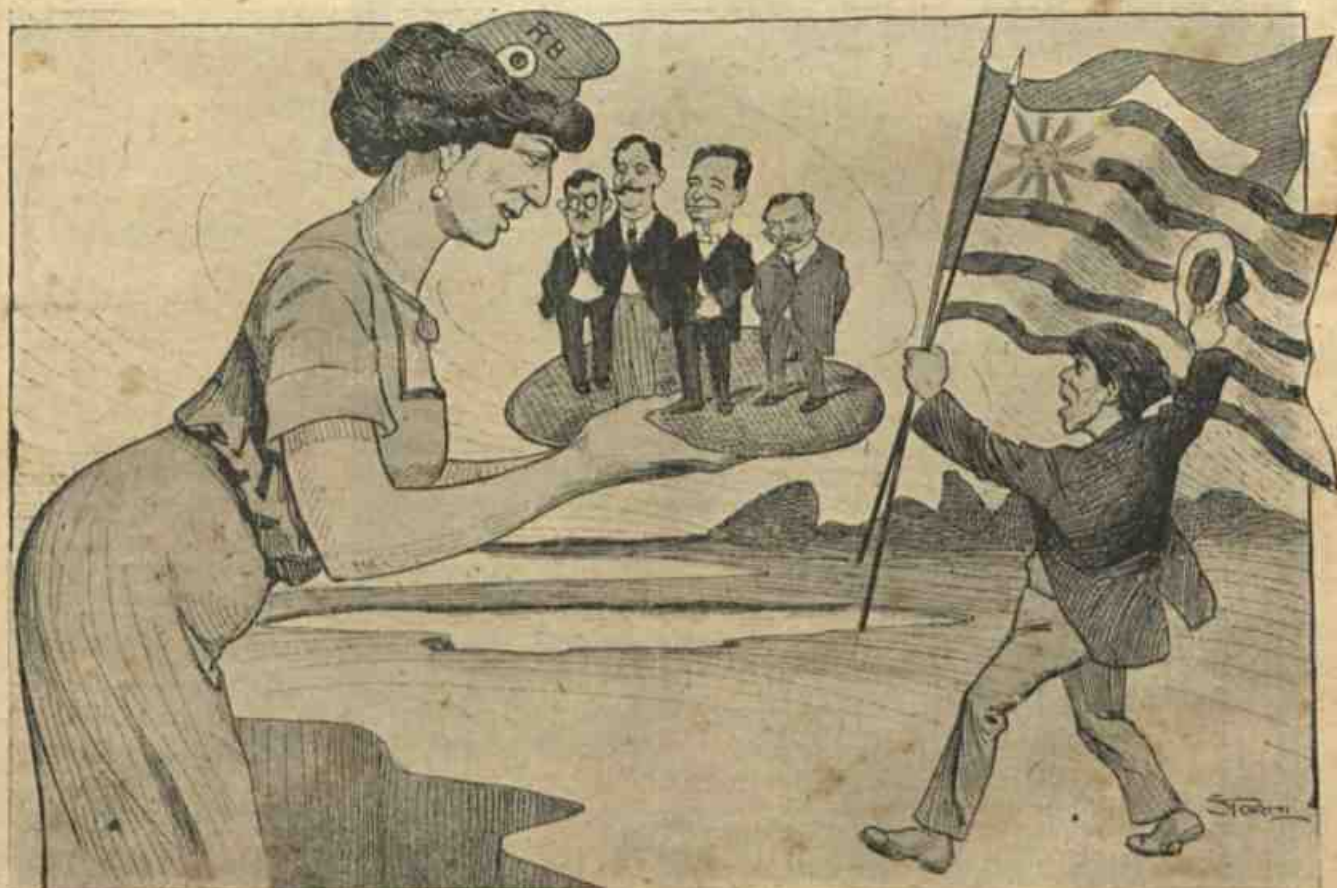
Teu pello, outr'ora negro e luzido,
Amarfanhou-se e mostra-se rafado,
Nada mais tem de bello e de macio !

Já pareces, assim, feita de sola !
Aberraste do molde apelintrado...
— Vou pôr-te ao lixo — adeus minha cartola !...

Mosqueiro, Pará

Lucio Olivense"

URUGUAY-BRAZIL

"Foi muito bem recebida e tem sido muito festejada a embaixada do Uruguay que veiu retribuir a visita do chanceller brazileiro e reaffirmar os protestos de amizade entre as duas nações vizinhas". — (*Dos jornaes*)

REPUBLICA BRAZILEIRA : — Amôr com amôr se paga... Eu vos recebo, distinctos hospedes, com o mesmo gesto de confraternidade, que a vossa bella patria dispensou ao meu chanceller : com o coração nas mãos...

OS DELEGADOS DO URUGUAY.s — Y nosotros agradecemos las gentilezas d'este pueblo grandioso, que vive em médio de la magnificéncia d'esta estupenda naturaleza !...

ZE POVO : — "Noblesse oblige" ! Esqueço por momentos o que vae cá por dentro, e grito alto e bom som : Viva a Republica do Uruguay ! Viva a embaixada oriental !

E siga "la broma" !...

A PAZ — SI NON É VERO...

"Tem causado muita sensação o facto de ter o presidente dos Estados Unidos tomado a iniciativa de propor a Paz ás nações belligerantes". — (*Dos jornaes*)

LAURO MULLER (com voz angelica) : — Lá vae o Wilson plantar na Europa o raminho de oliveira, na sua santa missão de Anjo da Paz !
SOUZA DANTAS : — Eram favas contadas ! O gesto do Wilson é o resultado da viagem de V. Ex. aos Estados Unidos...
FERNANDO MENDES e CELSO BAYMA : — Sim, Dr. Lauro Muller ! Foi V. Ex., naturalmente, que insinuou ao Wilson a necessidade de dar uma "lettra", tomando essa humanitaria iniciativa.
OS TRES (em côro) : — E', portanto, V. Ex. o verdadeiro Anjo da Paz !
ZE' POVO : — E esta !... E' mais uma para o rol do nosso Dr. Faz Tudo...

Uma ideia : Por que não manda para o Rio essa cartola ? Ha por aqui muitos *doutores* sebosos, necessitados de um *traste* d'essa ordem, e o velho Accioly não a usa melhor...

Souza (Rio) — Não temos, secção de anniversarios.

Carapebús (Estado do Rio) — Você é nome de logar?

Então, por que estranhar que alguem lhe *chova* na sabedoria ?...

E olhe que ha razão para isso. Afinal, o Nilo está fazendo um bom governo e o facto de você discordar justifica a irreverencia de que se queixa.

Limpar as mãos á parede..

Augusto P. Arnaud (Recife) — Não é com vinagre que se apanham moscas... e certos amigos do Dantas Barreto é que estão fazendo o papel de... vinagre...

Amigos ursos...

Curioso (Feira de Sant'Anna) — Romenia ou Romania é um reino da Europa oriental, formado dos principados de Moldavia e de Valachia. Tem 131.000 kil" quadrados e seis milhões de habitantes. A sua capital, Bukarest, á margem do Dimbovitza, affluente do Danubio tem cerca de 300.000 habitantes.

Qualquer diccionario geographico lhe dirá isso e mais alguma cousa que satisfaça melhor a sua curiosidade.

Brenno Faller (S. Paulo) — Que sabemos da paz ? O que dizem os jornaes.

Quanto ao papel dos Estados Unidos, excellente.

E' mesmo um papel que o Wilson deve estimar muito, porque o veiu livrar de maiores entaladellas com os respectivos pedidos de informações e notas consequentes...

Cabra de sorte ! De bigorna em que todos malhavam, passar a padeiro, todo cheio de *pás*, para tirar o pão que o forno do cansaço está cozinhando lentamente...

Adalgisa Silva (Petropolis) — Seus versos, *Dona*, parecem feitos na... Cremerie Buisson.

Dr. Rameau (S. Paulo) — A sua esperança falhou : em vez de na *Via-Lactea*, escutará aqui mesmo a sua poesia — *Escuta*, que assim começa :

"Tristes e longas noites,
Sómente em ti pensando,
Ves, oh ! quanto por ti soffro.
E, sempre estás vencendo."

Tape os ouvidos, que nós e os leitores faremos o mesmo !

Isso nunca foram versos...

Isso é uma demonstração de que o *seu* doutor não tem o juzo são, naturalmente por passar longas noites só pensando *nella*...

Pois pense noutra cousa : na morte da bezerra, por exemplo... Verá como descança a cachola e como achará geito e rimas para versalhar, derrotando a vencedora...

J. Defranco (Estado de S. Paulo) — Aproveitamos alguns dos calungas que nos enviou.

Rigoberto Santoro (Victoria) — Interessa-o muito a nossa opinião sobre os orçamentos ?

Então, lá vae : Estão uma belleza ! Sahiram do Senado com *saldo* de oitocentos e tantos contos e hão de chegar ao fim de 1917 sem essa perna de páu, com braços postiços e barriga a dar horas...

Quem viver, verá ; e quem morrer fará companhia ao *defunto* saldo...

João Grande (Ouro Preto) — Muito apreciaveis os seus versos — *Hora tragica* :

Quando eu ouço na capoeira — 7
O ulular da timida jurity — 10
Pousada em olorosa aroeira — 8
Carregada de flôres de rubi; — 10

Apreciaveis pelos solavancos da métrica e outras virtudes negativas, como se verá :

"Quando neste solemne momento—9
Em que o sino *sonolento*—7
Repica triste uma oração,—8
Presinto como que um presentimnto—10
Sentindo um cruel tormento—7
No meu pobre *curação*".—7

Primó: Um sino somnolento que repica *triste* uma oração, parece um velho alegre que de repente dá o prégo, e entra para um convento...

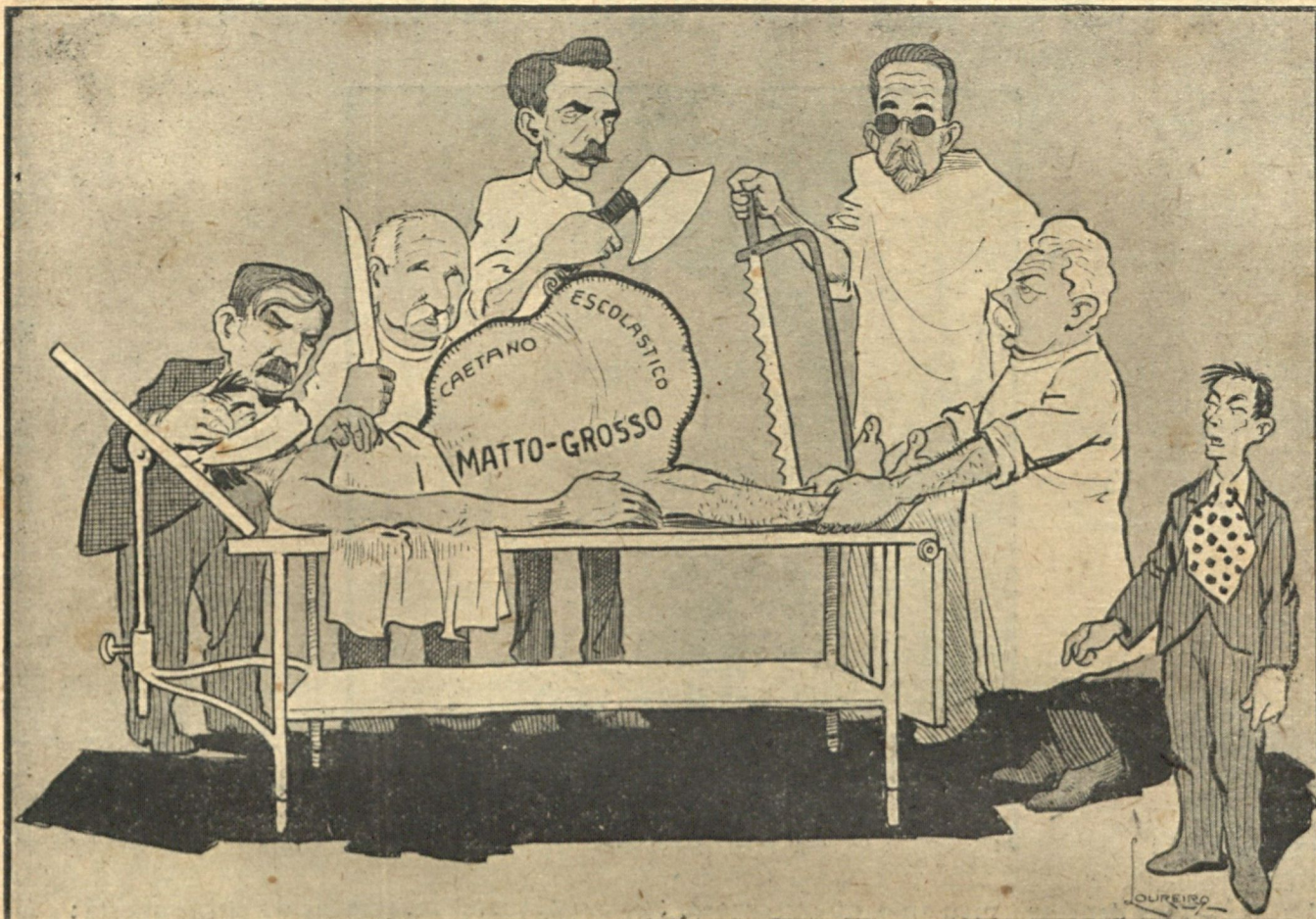
Secundó: "Presentir como que um presentimento" é uma novidade psychologica que escapou a Calino...

Tertió : Coração com *u* póde ser uma *bôa*... therapeutica — *cura a ação* — mas, por emquanto, ainda está na categoria dos costumes prohibidos... pela grammatica.

Fóra isso, o seu soneto serve perfeitamente... para adubo.

1917
1916 TRANSFERE A 1917 O ENCARGO DE MANTER
O PARC ROYAL COMO O GRANDE FORNECEDOR
DE TODO O BRASIL!
PARC ROYAL

O CASO DE MATTO GROSSO: INTERVENÇÃO CIRURGICA

"Até o fazer d'esta continuava a elaboração do difficil accordo sobre o caso de Matto Grosso, no qual estavam empenhados muitos paredros politicos." — (*Das nossas notas*).

WENCESLAU : — Senhores ! O tratamento judiciario do Supremo Tribunal, com as suas incriveis injecções de "habeas-corpus", aggravou muito o estado do doente ! O remedio, agora, é fazer-se a extracção dos Kistos abdominaes... Mãos á obra, que eu me encarrego de chloroformizar o paciente !...

URBANO DOS SANTOS : — Que diz, mestre Azeredo ?

AZEREDO : — O mesmo que o mestre Wenceslau : mãos á obra... se é que não ha outro remedio para salvar o doente ! O que eu quero é vel-o bom...

CHICO SALLES e SABINO BARROSO : — Pois, então, vamos a isso ! Mas...

ZE' POVO : — Oh ! senhores ! Pois ainda hesitam ?!... (A' parte) : Mas... por que não fizeram isso logo no principio, quando seria tão facil a operação ?... Bastava um bom drastico... Deixaram, porém, que a suprema Justiça mettesse o nariz e o resultado foi este : os kistos cresceram e crearam raizes... De modo que agora, é um caso difficil e perigoso para a cirurgia da ultima hora, "in articulo mortis"...

---

um pouco tarde o seu trabalho — *Natal d'outr'ora* — que vamos lêr. Se estiver em condições de ser publicado, sel-o-á no numero de 6 de Janeiro. Antes, é impossivel.

Caxienses (Caxias, Maranhão) — São de tal gravidade os *factos* denuncidos — e para os quaes pedem chamemos a attenção do Dr. Urbano de Santos, e da representação maranhense — que vamos pensar um pouco sobre o assumpto e depois resolveremos.

Pedro de Mello (Piracicaba) — Concordamos com as emendas feitas na lettra do Hymno. Bem nos parecia haver qualquer cousa depois da segunda estrophe, e por isso puzemos em duvida o resto, appellando para o critico da casa, que já se manifestou satisfeito com as correcções.

Quanto á publicidade só a da lettra, quando houver opportunidade.

Mary Medrado (Ouro Preto) — Pedimos-lhe encarecidamente o obsequio de utilisar só de um lado o papel em que escreve os seus pensamentos. Dos dous não dá certo : um d'elles fica inutilisado.

Crayon (Recife) — O nosso joven amigo revela bôa emboccadura para a "cousa", mas o seu desenho — *Linhas* — além de largo demais (não devia exceder de 40 centimentros) tem alguns quadros imprestaveis.

Com uma "operação" paciente póde-se pôr a cousa no formato de ser reproduzida.

Vamos vêr ; mas achamos que deve cultivar o genero politico, ou critico.

Feliciano Cerqueira (Rio) — Tantos pensamentos, caramba !

Um dos melhores é este :

"O *siume* é o maior *desabor* que póde *germinal* em um lar *onesto*..."

As correcções que pede, dariam isto : "O *ciume* é o maior *dissabor* que póde *germinar* em um lar *honesto*". Mas não vale a pena fazel-as, porque, realmente, o *siume* com *s* faz germinar todas as outras asneiras...

Outro pensamento, ao acaso :

"Eu comparo o amôr como especie de dentes o qual não se póde arrancar sem dôr."

Que diabo se ha de corrigr aqui ? Só assim : arrancar os dentes ao *pensador*...

DR. CABUHY PITANGA

Negociantes na Inglaterra

O Sr. J. M. Pinto Leite, socio da importante casa Pinto Leite—Havewith & C. vice-consul de Portugal em Manchester, e o Sr. M. Mattos, chefe da conceituada "Casa Sportman", do Rio de Janeiro, em viagem de compras.

A scena do balcão

JULIETA—Vem depressa, meu anjo, que te espera
Meu coração ancioso ?

ROMEU—Partiu-se a corda, filha, hoje é chimera
Sonhar tamanho goso !

JULIETA—Pula o muro !

ROMEU—Dizer é muito facil ;
Fazer é que são ellas !

JULIETA—Quem ama o proprio ferro torna gracil !

ROMEU—Julieta, são *rodelas !*

JULIETA—Mas, emfim, uma idéa não te accode ?!
Oh ! não sejas ingrato !

ROMEU—Cada bicho, meu bem, faz o que pode ;
E eu, filha, não sou gato !

JULIETA—Pois, eu pensando em ti, sempre amo-[rosa]
E prevendo este caso,
Comprei uma loção tão milagrosa...

ROMEU—Faz-nos voar, por accaso ?!

JULIETA—Não ; não faz, meu amor, porém, per-[mitte]
Que venhas aos meus braços.

ROMEU—E se isto não passasse de palpite
E eu ficasse em pedaços ?!
Dize primeiro que loção foi esta
De poder tão seguro.
Porque, filha, este facto a gente attesta :
O chão é muito duro !

Julieta (pondo para fóra do balcão duas grossas tranças).

—Pois, ahi tens ; revigora as esperanças
E sobe por aqui...

ROMEU—Que é isto ?

JULIETA—São, meu anjo, minhas tranças
Tratadas a Barry !

ROMEU—A Barry ?!

JULIETA—O Tricofero que a imprensa
Diz que fez, contra as calvas e o chinó,
Mais do que em Verona ou em Florença,
Fizeram teus avós !

Anda, sobe ! São fortes e compridas !
Tricofero faz isto !

Si acaso, meu amor, ainda duvidas
Usa um vidro ; eu insisto !

Sobe ! Sobe depressa e sem demora !
Verás que não menti !

Se o amor já não vence, como outr'ora..
Tricofero Barry !

CHEGADA DA EMBAIXADA URUGUAYA

1) A embaixada uruguaya, a bordo do bello transatlantico hespanhol "P. Satrustegui", vendo-se, ao centro, o chanceller Balthazar Brum, chefe, ladeado pelos illustres membros — senador Dr. Rodriguez; deputados, Drs. Buero e Herrera, jurisconsulto Yeregui e general Dufuchon. 2) A esposa e duas filhas do senador Rodriguez e a senhora do deputado Herrera, que acompanham a embaixada. 3) Recepção da embaixada no Arsenal de Marinha, após o desembarque, vendo-se ao centro o chanceller brazileiro. 4) Passagem dos embaixadores uruguayos pela rua do Cattete. 5) O Dr. Balthazar Brum, chefe da embaixada, em companhia do ministro Dr. Luiz Guimarães Junior, introductor diplomatico, chegando ao palacio do Cattete. 6) A embaixada no palacio do Cattete, depois de recebida em audiencia especial pelo Sr. presidente da Republica.

PARNAMBUQUE-RUCIFE NUMBRO 13
Dezembro di mi novcento zi dezacei

O Inlogio

Foia qui trata dos zinterece du norte e du interior do Brazi

DEREITO — Manué Braço de Oro

REDATO-XEFE — Siliro Cantadô

AINDA AS FESTA

Non si trata de Natá, munto imbora seje o tempo de festa, as festa qui nóis falemo é as festa qui o povo feis ó doutô Mané Boiba.

Meu Deu, nunca si viu tanta bandêra, tanta fulô, tanto fogo do á e tantas luminara.

Açim nem condo o finado Impradô Dão Pe do sigundo andou pu aqui, nos tempo da morosa!

O povo tava maluco pulas rua qui inté parecia dia de carnavá.

A coisa foi tão boa qui a pidido de diverças famia e de ôtras peçôa tamém, nóis vamo zapresentá uma idéa ós cinhore da cumição das festa pru morde festejá o 18 de Dezembo todo zus mêis.

A gente andámo tão percizado de distraçãos qui nunca é indismais uns forguedo cuma os de astrodia.

Tahi a idéa, agora arrezorvam cuma intedere.

CARTAS SEM CÊLO

Cumpade veio Ciliro
Mais Mané Braço de Oro,
Deus le dê vida e saude,
Dinhêro de prata e óro.

Eu cá xeguei filismente
Sem tê malhó nuvidade,
E aqui istou no Bebedó
Matano minhas sodade

Incontrei cumade Berta
Cum saude e in bom istado,
Mais a Gistrude, os minino,
E meu cumpade Sargado.

São tudo uma gente boa
Qui trata a gente pur tu,
E no armôço janta e ceia
Dá pra comê surpru'.

Aqui pra nóis, seu cumpade,
(Qui esta carta é arrezervada)
Já tou farto, pode crê,
De tanta sururuzada.

Passemo um Natá bem bom
Fumo za miça do galo,
Eu numa besta de cêla
E o zôtros mai za cavalo.

Adispoi nóis paciemo
Pru toda zeça zistrada,
Qui condo fumos pra caza
Era já de madrugada,

Ta bão, adeu, zinté logo,
Me adiscurpe argumas farta
E ispere qui pra sumana
Vou liscrevê ôtra carta.

Non arrepare o invelope
Non tê o cêlo apregado;
Iço foi isquecimento
Do cumpade

ZE' MAIADO.

PIQUENAS QUÊXA

Nóis non divia de dá a mais menó nutiça das festa do dia 18, pruquê a cumição das mesma non si alembrou de mandá um cunvitizinho pra nóis zacistí ó banquete qui ofrecero ó home no ternacioná.

Tivero medo qui nóis non foce de casaca e luvas branca, ou cuidaro qui nóis foce lá cumê cas mão?

Apois tão munto má inganado, pruquê, nóis zinbora seje matuto, sabemo zentrá e sahi numa sala.

Si fôce acim non si tinha dado um banquete ostro dia ós perfeito do intriô qui são tudo matuto cuma nois si arguns zainda mais piô.

Si nóis fôce cunvidado, non ia lá só pra cumê cuma muntos fôro. Não cinhô. O nôço dereitô ia fazê um discurço e o noço secretaro ia inlugiá o home, cantano na viola.

Iço agora é moda; tanto açim qui no gunverno paçado, si tocou-se violão na côrte, dentro do palaço do Cateite, cumpanhando o samba corta-jaca.

Pra non ficá todo o noço trabaio peldido nóis vamo zimpubricá aqui um pedacinho de cada coisa; queremo dizê: do discurço e do inlogio.

" . . . .

Cuma ia dizeno, meus cinhore, xeguei in casa e incontrei a muié cuzeno. Eu ahi prigunto: — Qui é qui tu fazeno?... E ela, mas que dpreça, arresponde: — Tou cuseno eça çaia pra morde i as festas do dia 18.

Pur ahi se vê-se minhas cinhora, qui eças festas foi feita pulo coração do povo e teve a força inté de fazê um milagre! Pruquê minha muié, qui não pega numa aguia derna qui nus cazemo, vae pra' mais de déis zano, nem si queromeno pra pregá um botão nas minha ciloura, foi cusê uma çaia dela pra morde i a eças festa!"

. . . .

E ia pru ahi a fôra.

Agora o inlogio:

"Os cinhore qui mi ouve
Queram mi arrespondê:
Condo é qui êce povo
Mió gunverno hé de tê,
Qui séla seu zinterece
E sabe tudo fazê.

Condo foi qui êce povo
Teve um gunvernadô
Qui fôce pulos sertão
Vizitano os lavradô
Pra vê o qui eles percíza
Açim cuma os criadô.

. . . .

Agora todos mi diga
Si non devo inlogiá
Um home qui tanto sabe
Êce povo gunverná
E pur iço toda jente
Non dêxa de le gavá".

LIÇAOS DE ISTORA

Nois fiquemo zotro dia na questão qui deu motivo a guerra dos mascate.

Antes deço nóis percisavá dá um sarto pa trais e vê o que açucedeu adispoi da morte do doutô du Artes Cucio, sem sê a istora da viuva dele qui si chamava-se dona Capitana.

O doutô du Artes Cucio antes de morrê tinha mandado fazê muntos casamento de purtuguêis india tapuia dos caité, pruquê cum elle não avia diço de caso oje, caso amanhã... não cinhô. O purtuguêis trastejava tava casado qui era cirviço. D'ahi naceu diverças ninhada de caboquinhos danado, já quereno sê branco pruquê tinha o pae e doi avô purtuguêis... da zia do zaçôre.

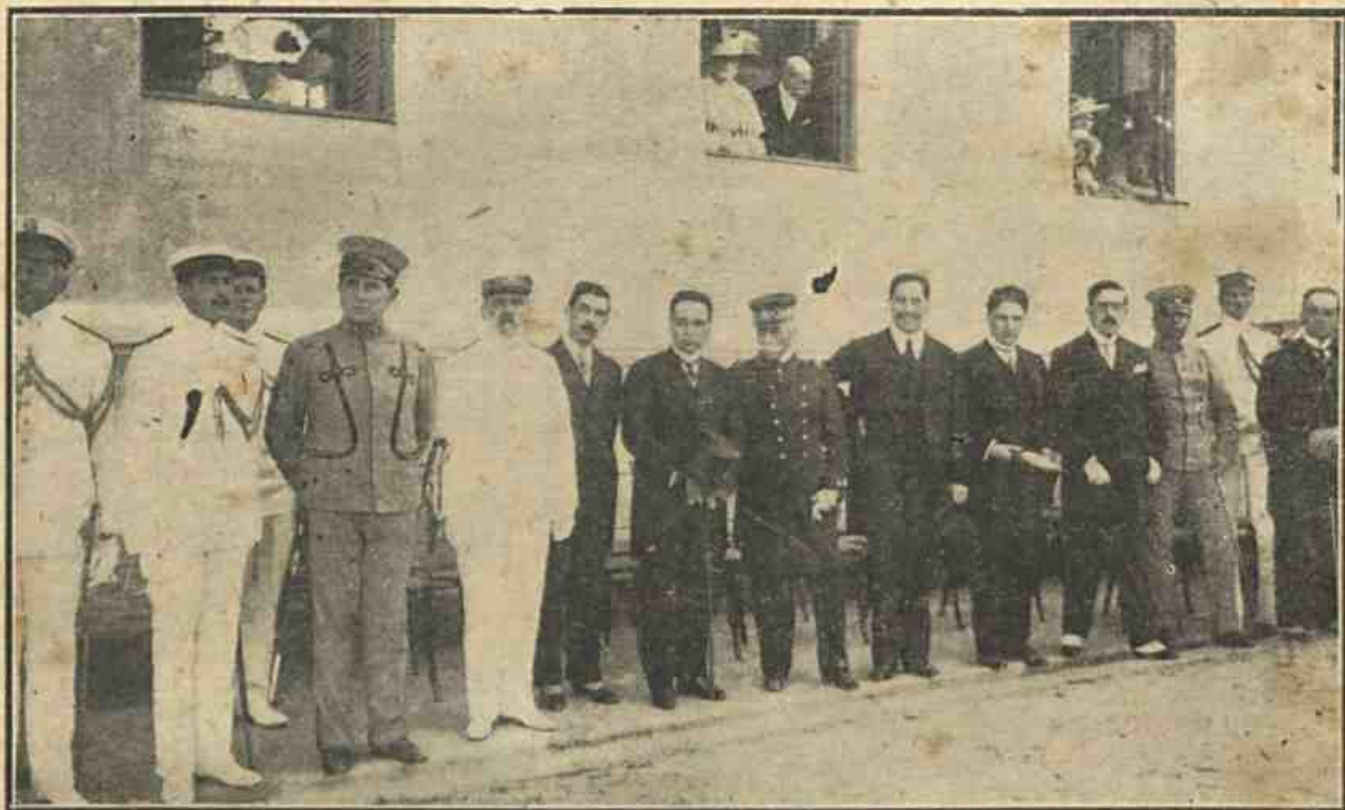
A dona Capitania ficou rica cum munto zinjenho de açuca e ôtras madêra cuma pâu brazi, minêro-pâu e pâu dagua qui era a propia cana do açuca.

O réis di Purtugá non si importava cum eças coisas, mêmo pruquê o réis de Purtugá era um ispanhó qui só quiria jogá pelota nas cancha e toreá novios nas torada.

Vae entonces os olandêis e dis zacim, lá na lingua deles:

—Vamo tumá aquilo pra nois. E avuaro in riba da cidade de Ulinda cum mais de setecento navio a vapô de vêla cumandado pru um tá de Hinrique Cornoliscon e mai zôtos cumpanhêro chamado-ses Pito Adriano e Dindirique Wadibruque o mais danado de todo zêle.

O resto da istora fica pra dispoi.

A EMBAIXADA URUGUAYA

Visita da Embaixada ao Batalhão Naval: o chanceller Brum e os demais membros assistindo com o ministro da Marinha e o chefe do Estado-Maior aos exercicios da unidade visitada

ALMANAK DA "A NOITE"

Os nossos confrades d'*A Noite* "deram no vinte" editando esse almanak destinado aos assignantes do popular nocturno. E' um elegante volume de trezentas e tantas paginas, repleto de informações uteis e de uma escolhida e variada collaboração, em prosa e verso, assignada por nomes conhecidos e conceituados.

Fartamente illustrado e nitidamente impresso, o *Almanak* da *A Noite*, é deveras um mimo precioso.

Gratissimos pelo exemplar que nos foi gentilmente enviado.

Recebemos e agradecemos:

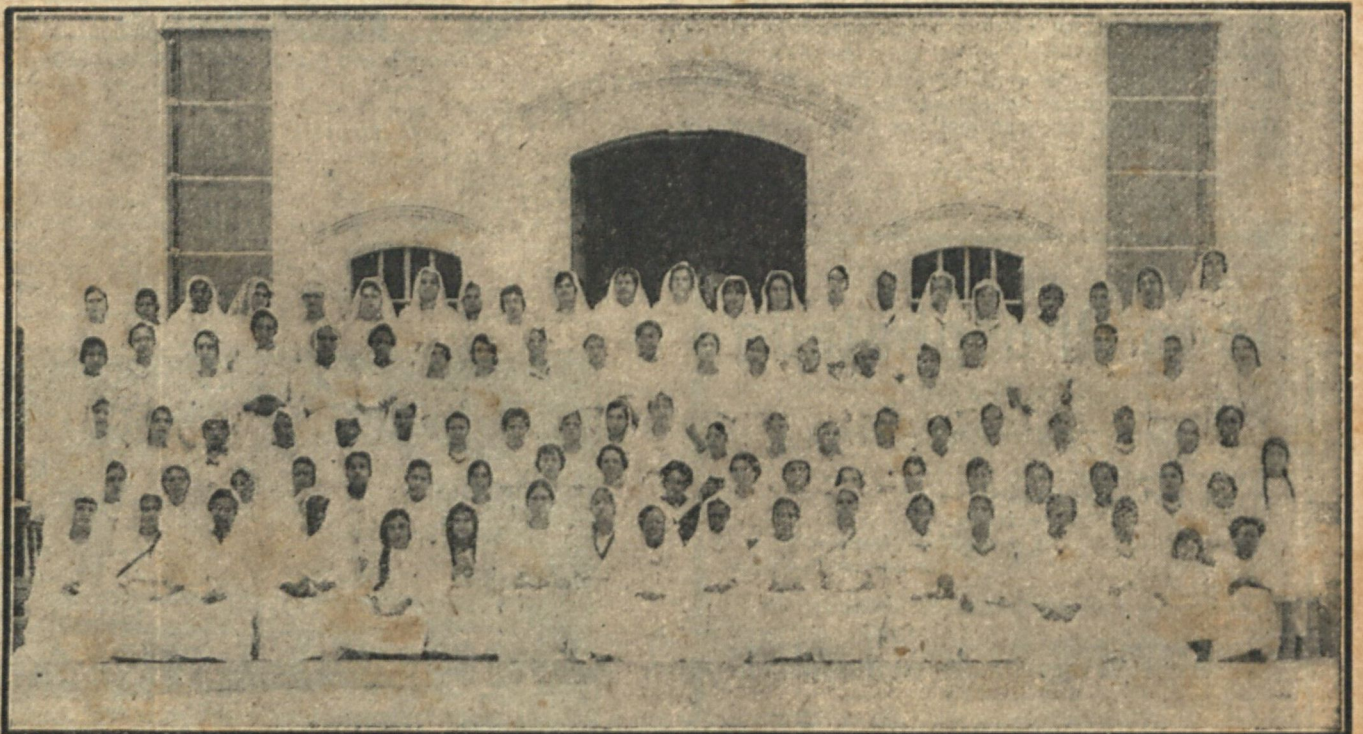
— Convite da Empreza Salitreira do Chile, para uma prova de tres typos de vinho mineiro, de que vae fazer propaganda.

(O nosso encarregado de provar e de dizer qual dos typos perferia, preferiu... os tres, por serem todos excellentes).

— *Revista Commercial do Brazil* — o bello orgão da Associação Commercial do Rio de Janeiro, com as mais uteis informações e artigos.

AS FESTAS DO NATAL

O Natal das Creanças, no Instituto de Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro — Em cima, um grupo de creanças e populares que tomaram parte na festa. Em baixo, as Damas de Caridade, do Instituto, que promoveram e realisaram a linda festa philantropica.

A RELIGIÃO NO RIO

Romaria das "Filhas de Maria", do Meyer, Engenho Novo e outras parochias, ao Santuario de Nossa Senhora da Penna, em Jacarépaguá : grupo á frente da respectiva ermida, tirado especialmente para "O Malho".

as Bôas Festas
...da força do vacuo ao cofre da Nação
NA CAMARA
31
no Senado
SORTEIO MILITAR
para um voluntario inespecial
do PROMPTO
pão e laranja cumprimentam
IMPOSTOS
MAIS IMPOSTOS
...ao contribuinte
BÔAS ENTRADAS
DETENÇÃO
do "cadaver" ao "enterrado"
cumprimentos da Empreza Funebre
dos GATUNOS
unica coisa que elles deixam
Yantok

A EMBAIXADA URUGUAYA

1) Recepção da Embaixada Uruguaya, na Camara dos Deputados. 2) Os membros da Embaixada no Supremo Tribunal Federal, entre os respectivos ministros. 3) Banquete offerecido pelo Congresso Nacional á Embaixada: grupo com os respectivos membros e os senadores e deputados que tomaram parte no banquete, realizado no salão do Jockey Club. 4) Um aspecto da mesa d'esse banquete, vendo-se no logar de honra o chefe da Embaixada, á direita do senador Azeredo e do chanceller brazileiro.

NA BIGORNA

— Tudo entra na marreta!
— Arreda, que lá vão chispas!

Vae num crescendo assustador a audacia dos ladrões. Repetem-se os assaltos á propriedade alheia, mesmo nos logares em que a policia não devia brilhar tanto pela sua ausencia...

A policia ?!... Mas haverá mesmo um policiamento no Rio de Janeiro ?...

Pelas enormes verbas destinadas a isso, pelos reclamos que frequentemente apparecem nos jornaes, á instrucção moderna dos nossos Argus, parece que devia existir essa cousa tão necessaria nas grandes cidades. Mas os factos encarregam-se de mostrar que a nossa policia é apenas uma instituição burocratica legalmente armada, para o fim decorativo de figurar em grupos photographicos; e quanto a perspicacia, quanto a sciencia preventiva não sabe da situação d'aquelle medico burro que ordenava :

— Se tem febre, não me negue !

* * *

— E essa estupida exigencia da substituição dos cepos por marmores nos açougues, a bem da hygiene, quando se sabe que os serviços no Matadouro de Santa Cruz, no entreposto de São Diogo e nos auto-caminhões do transporte de carnes são uma grossa porcaria ?!...

— Perfeitamente justa essa medida ! E tão logica, tão rasoavel, como a de muitos sujeitos que eu conheço, que não fazem questão de andar todos sujos e rotos, por baixo, comtanto que tragam uma gravata vistosa sobre um collarinho limpo...

E' a hygiene da apparencia, o rotulo dourado da porcaria...

* * *

Marchou de vento em pópa a emenda 12, creando quatro tabelliães, um registro geral e outro especial, um tabellionato privativo de processo de lettras, um distribuidor, um contador e quatro porteiros de auditorios, ao todo nove logarões novos para afilhadotes e quatro logarzinhos para afilhadinhos.

Neste tempo de excesso de funccionalismo e de *protecção* aos addidos, para que não saiam de seus quadros e não atrabalhem a vida de ninguem... era fatal a invenção de novos empregos publicos para distribuir a têta do Thezouro aos numerosos pimpolhos da politicagem...

O diabo é que dizem que a quem mais agradou essa emenda creadora, essa emenda ama de-leite, foi ao honrado presidente da Republica — o que, afinal, veiu provar que S. Ex^a^. é tão mortal como os outros presidentes, a quem foi muito agradavel o invento de identicas ou semelhantes... patifarias !...

* * *

O commendador Saraiva
Presentemente é quem herda
Toda a bilis, toda a raiva
Do Mauricio de Lacerda.

* * *

A costumada rasteira do Senado na Camara, enviando a esta, á ultima hora, um orçamento sobrecarregado de augmentos de despeza, diz claramente como é patriotica a harmonia de vistas entre essas corporações legislativas — Crê ou morre ! — é a traducção d'esse — Approva ou não ha orçamentos ! — com que o cafagestismo senatorial põe a faca aos peitos dos lycurgos "do Monroe"; e o Zé Povo, apreciando devidamente esse caso tradiccional, lembra-se com saudade do tempo em que o Senado era o... Senado e não essa "Associação Beneficente Memoria a Dom Feio" que fazia cumprimentos com o chapéu alheio...

* * *

— Mas, afinal, quem são as senhoras, que querem o direito do voto ?

— Francamente, não sei ; mas vou perguntar ao Juliano Moreira...

* * *

Malhando em ferro frio, certamente,
Mas p'ra ver se da lama a desenterra
Hoje está na bigorna justamente
A justiça capenga d'esta terra.

Os juizes e escrivães que estão na berra
As partes a roubar continuamente
Merecem a mais séria e dura guerra,
Pois não ha quem da culpa os innocente.

Isto posto e "revistos estes *autos*"
Fortes razões fizeram-nos arautos
Da Justiça impreterrita e fecunda;

Pois isto que nós temos presenciado
E' um symptoma certissimo, provado,
De miseria moral a mais profunda.

SPORT NAUTICO

A équipe do "Internacional", que tomou parte na grande festa commemorativa do 21º anniversario do Club de Regatas do Flamengo, realizado domingo ultimo com grande brilhantismo.

HONRA AO URUGUAY

Banquete offerecido pelo Sr. presidente da Republica á Embaixada Uruguaya : grupo no palacio do Cattete, com os altos convivas que tomaram parte no presidencial agape.

AS CREANÇAS DO SENADO: BRINCANDO DE ORÇAMENTOS...

"A Camara dos Deputados viu-se atrapalhada á ultima hora com os orçamentos que o Senado lhe devolveu muito augmentados na Receita e principalmeente na Despeza." — (*Dos jornaes*).

CAMARA

ORÇAMENTOS

BULHÕES (para João Luiz Alves, Alcindo Guanabara e Pires Ferreira) : — Força, minha gente ! O sacco tem de entrar por onde sahiu ! Não somos culpados de ser tão fecundos, que até fecundamos... saccos vazios !...

ZÉ POVO : — Mas que embrulho ! E é assim que se fazem orçamentos : enchendo linguiça, enchendo saccos de "gatos", que arranham a sabedoria da Camara e obrigam-na a cortar-lhes as unhas, a trouxe-mouxe. Decididamente, a respeito de juizo, os vóvós do Senado estão na segunda infancia !...

OS PREMIOS D'O «MALHO»

Pela extracção da loteria da Capital Federal, de sabbado, 23 de Dezembro corrente, fez-se o sorteio da edição n. 743 d'*O Malho* de 9 tambem d'este mez.

O numero premiado foi 28816. Estão, pois, premiados os seguintes numeros:

28816	100$000	28815	20$000
28817	50$000	28814	20$000
28818	50$000	28813	20$000
28819	20$000	28812	20$000

Hoje, sabbado, será sorteada a nossa edição n. 744 de 16 do corrente mez e assim todas as semanas, respectivamente, os numeros d'*O Malho*, que sahirem tres semanas antes.

E' preciso não confundir o numero da edição impresso no alto da capa e no cabeçalho, com o numero do exemplar impresso na parte interna, á margem de uma das paginas, e que é o que vigora no sorteio.

Justiçando a Justiça

· Causou profunda impressão o grande artigo do deputado Luiz Bartholomeu, que, como uma tremenda chicotada, cahiu em cheio na justiça esbodegada d'esta cidade.

Duras e pesadas, mas verdadeiras, foram as palavras que attingiram os juizes bebedos e debochados, que, infelizmente, se arrogam o direito de julgar os outros...

Nenhum d'esses togados de fancaria, reagiu ! Ninguem teve a hombridade de responder ao libello do deputado Bartholomeu, e esse expressivo silencio confirma tudo quanto foi dito no famoso artigo...

E' uma pena, uma suprema vergonha, que a justiça d'esta terra seja uma grande... *porcaria*, e que o povo não se revolte contra os seus caricatos *arlequins* togados...

E se, regra geral, a justiça não fosse isso mesmo que o libello pinta, é claro que os juizes attingidos por elle não aguentariam as chicotadas com o rabinho entre as pernas...

USINA SÃO GONÇALO
Ide!...
e dizei a toda a gente
que os meus VOTOS
DE FELICIDADE pela
entrada do
ANNO NOVO
SÃO OS MAIS SINCEROS E EFFUSIVOS

A JUSTIÇA NO RIO DE JANEIRO

A regeneração nacional deve começar pela Justiça--Juizes bebedos, jogadores, conquistadores e «detraqués»--Os escandalos nas fallencias e nos incendios--Porque o jogo e o caftismo campelam impunemente--Os advogados que protestam contra os innominaveis escandalos da industria judiciaria são mettidos summariamente na cadêa

O Sr. Deputado Luiz Bartholomeu dirigiu ao Dr. Auto Fortes, juiz de direito da 1ª vara crim nal, o seguinte requerimento.

"Illmo. e Exmo. Sr. Dr. juiz de direito da 1ª vara criminal.

Luiz Bartholomeu de Souza e Silva, nos autos de processo crime por injurias e calumnias impressas em que é querellante e o Sr. Salvador Santos, na qualidade de gerente-editor da "Gazeta de Noticias", querellado, vem expor a V. Ex. o seguinte:

O supplicante, tendo sido vilmente calumniado por um seu ex-empregado, o infeliz Oscar Rosas, em publicação feita na "Gazeta de Noticias", junta aos autos, acreditando que viviamos em uma sociedade organisada e policiada, em que a justiça publica fosse a garantia e o amparo de todos os direitos, a esta recorreu para desaggravar o seu nome e a sua honra contra a perversidade desse individuo sem escrupulo, que, depois de ter recebido do supplicante todos os beneficios, inclusive o de lhe matar a fome durante annos seguidos, não trepidou, por inveja, por despeito, por maldade ou para servir a odios alheios, em architectar contra elle uma calumnia estupida, grosseira e de tal modo absurda que deante de seu simples enunciado se verificava immediatamente a sua insubsistencia.

Quasi um anno é decorrido desde que o supplicante, pelos seus sentimentos e pela sua educação civica, julgou acertado procurar na Justiça do seu paiz o desaggravo a que tinha direito, de preferencia aos meios violentos com que nas sociedades barbarisadas os offendidos vingam as affrontas recebidas

Republicano, que em 15 de novembro de 1889, de arma ao hombro, concorreu na praça publica para o estabelecimento do regimen em que a justiça sã devia ser uma realidade, teve o supplicante o desgosto de verificar que a sua honra, o seu brio, a sua dignidade e as suas responsabilidades sociaes não encontraram defesa na justiça para que appellava.

Intentado o respectivo processo criminal contra o detractor do supplicante, proferiu afinal V. Ex. sentença impronunciando-o, pelo facto de não ter o réo assignado e se responsabilisado pelo artigo incriminado, cujo orginal tinha o texto e a assignatura "Oscar Rosas" dactylographados e porque em taes condições, não obstante ter o mesmo réo, em audiencia para a qual foi citado, comparecido e declarado ser effectivamente o autor e responsavel pela publicação do citado artigo, não podia ser considerado responsavel criminalmente e passivel de pena pelas injurias e calumnias contidas na dita publicação, cuja responsabilidade, na hypothese, só podia caber ao editor ou gerente do mesmo jornal.

Essa sentença, contraria a toda jurisprudencia até então estabelecida, que admittia o processo nos delictos de imprensa contra o respectivo autor da publicação, podendo a autoria ser provada por todo genero de provas, quando mesmo não fosse possivel a exhibição do autographo, decidia sustentando o maior dos absurdos, na opinião de todos os cultores do Direito que della tomaram conhecimento, e constitue uma monstruosidade juridica que não escapa ao simples bom senso.

Foi debalde que o supplicante procurou V. Ex. seguida e innumeras vezes, dentro das horas de expediente marcadas no regulamento respectivo, na sala destinada ao juizo, para exhibir as provas inconcussas contra a infamia de que fôra victima, sem que jamais lhe tivesse sido dada a felicidade suprema de encontrar V. Ex., nem mesmo por occasião da inquirição das testemunhas do processo e do interrogatorio do réo!...

Por mais extravagante que isto pareça, tratando-se de pessoa a quem a lei conferiu o sagrado direito de distribuir justiça e de cumprir, como dever inilludivel e primordial, religiosamente as leis e os regulamentos, é, entretanto, uma dura e triste verdade, que toda gente que trabalha no fôro sabe, por experiencia propria, porque não ha quem tenha necessidade de procurar V. Ex., durante as horas legaes de expediente, que tenha a ventura de poder encontral-o, passando afinal, depois de longa peregrinação, de interminavel vaivem, pelo dissabor de saber que V. Ex. só vai a juizo a horas incertas e que, a não ser em dias marcados para julgamentos de processos, V. Ex. só comparece em horas matutinas, retirando-se antes daquellas em que começa legal e normalmente o expediente.

Ao supplicante parecia até então que os guardas da segurança da sociedade, pagos pela nação para exercer um dos mais nobres e elevados encargos sociaes, deviam dar o exemplo do mais absoluto e rigoroso cumprimento ao dever, da mais estricta obediencia á lei, da maior rectidão de conducta. Mas, informado por mil boccas de que a Justiça na nossa terra chegou a extremos incriveis de desorganisação, de abjecções e de miserias sem nome, teve afinal de convencer-se pessoalmente e acreditar que laborava em manifesto equivoco, deante da realidade do que com elle se passou e vem expondo, não tendo podido nem encontrar justiça para o seu direito offendido, nem encontrar o juiz encarregado de distribuil-a, quando o procurou na sala do seu juizo, suppondo que ahi era o local proprio onde devia encontrar os juizes, que ahi deviam ser procurados de preferencia ao fundo das tabernas, das pocilgas, dos lupanares ou das casas de jogo.

Em taes condições, a sentença de V. Ex. não foi absolutamente uma surpresa para o supplicante, pois desde o inicio da causa vagos rumores, que depois mais se foram accentuando, chegaram aos seus ouvidos, scientificando-o de que V. Ex., não em face da lei e do direito, mas obedecendo a forças e factores estranhos áquella e a este, impronunciaria o querellado.

O boato teve a sua confirmação real. Mas ao supplicante, conscio perfeitamente do seu direito, não era licito conformar-se com semelhante situação, que lhe tolhia os meios de desaggravar a sua honra, desde que, pela natureza do processo,

elle não poderia ter opportunidade de demonstrar com documentos que eram calumniosos os factos que lhe foram imputados; antes que ficasse estabelecida a autoria e responsabilidade do calumniador.

Contra a prova dos autos, contra as declarações da *Gazeta de Noticias*, contra a jurisprudencia estabelecida, contra a *confissão terminante*, clara e expressa do infeliz Oscar Rosas, de que era o autor e responsavel pela publicação diffamatoria, *confissão feita em juizo e revestida de todas as formalidades legaes*, contra os juridicos e bem elaborados pareceres dos illustrados orgãos representantes do Ministerio Publico, Drs. Moraes Sarmento, procurador geral do Districto, e Murillo Fontainha, promotor publico junto á 1ª vara criminal, havia V. Ex. julgado que a responsabilidade legal pelas publicações alludidas não cabia a quem as escrevera, a quem declarava terminante e solemnemente, em audiencia, perante V. Ex., ser o autor e responsavel por ellas, mas sim ao director, editor ou gerente da *Gazeta de Noticias* que as estampara.

Para furtar o calumniador ao justo castigo que a lei reserva aos individuos de sua classe, por compaixão ou por outros motivos, V. Ex. não trepidou em deixar sem defesa possivel, no terreno judiciario, um homem publico, de representação social, torpe e vilmente calumniado por um perverso.

Não era o desejo de metter na cadêa, por um sentimento inferior, o calumniador, que só merece repulsa e desprezo, o movel que levou o supplicante a recorrer á justiça para se desaggravar da affronta que lhe era feita. Era, acima de tudo, a necessidade que tinha o homem publico, pelo respeito que a si mesmo como á sociedade deve, de demonstrar á evidencia que não eram verdadeiras as imputações que se lhe faziam.

Entretanto, entendeu V. Ex., no seu alto criterio, na sua intangivel e inexcedivel moral, no seu profundo saber juridico, que mais valia innocentar um criminoso do que defender e amparar o direito de quem fôra, como o supplicantte, tão gravemente lesado em sua honra e em seu nome.

E' assim a Justiça nesta terra!

O supplicante não quiz se convencer de que, havendo recurso da decisão de V. Ex., elle devesse deixar de esgotar todos os meios ao seu alcance no sentido de ver reconhecido o seu direito e remediada a situação penosa em que se encontrava, com absoluta e manifesta denegação de justiça, que soffria, e de facto recorreu para a 3ª Camara da Côrte de Appellação, para ao mesmo tempo, esgotando os recursos legaes, poder verificar até onde a nossa Justiça é céga, caolha ou capenga, até onde vai a desfaçatez dos juizes que a servem, fazendo do seu Ministerio uma verdadeira banca commercial, ou um meio prompto e efficaz para a satisfação de sua lubricidade e dos mais inconfessaveis e torpes intuitos.

O seu recurso teve a mesma sorte que o processo de queixa que fôra iniciado no Juizo de V. Ex., e o supplicante assim ainda mais uma vez verificou, já então sem pasmo nem surpresa alguma de sua parte, que os illustrados membros da 3ª Camara da Côrte de Appellação são, na verdade, dignos collegas de V. Ex. e que, decidindo como o fizeram, mantendo a sentença recorrida, baseada em tão absurdos quão illegaes e injuridicos fundamentos, demonstravam ter na sua decisão, como acontecera com V. Ex., ao proferir a sentença de primeira instancia, obedecido a outros interesses alheios á distribuição rigorosa da justiça, a motivos, que contribuem de modo tão efficaz para que o povo não possa mais respeitar, mas, pelo contrario, menoscabar da Justiça desta terra.

Os juizes rectos, honestos escrupulosos e dignos — que ainda os ha, embora constituam apreciaveis excepções neste paiz — obrigados a manter na vida publica e particular a mesma correcção e dignidade devem se sentir humilhados perante a opinião publica, quando outros juizes, sem compostura, sem moral, sem qualidades e dotes intellectuaes indispensaveis ao exercicio de tão nobre funcção, resolvem as graves questões que interessam aos direitos, á liberdade, á vida, á honra e ao brio dos seus concidadãos, com o mesmo *sans façon*, o mesmo desequilibrio, a mesma leviandade com que agem, negando ou fazendo justiça, como si dispuzessem de cousa sua, negociando as sentenças, ou fazendo favores aos seus apaniguados e protegidos, contra tudo que está estabelecido em lei.

Infelizmente, nesta terra, as cousas são como são e em materia de justiça não ha para quem appellar.

Temos juizes que dão audiencia no fundo das tabernas, onde vivem em roda de cafagestes, affrontando a moralidade publica. Outros arrastam a toga de magistrados pelas espeluncas, pelos lupanares, pelos antros da jogatina, contituindo-se patronos dos jogadores, e isto explica o segredo da impossibilidade de se reprimir o jogo no Rio de Janeiro. Outros ainda, dentro os quaes e principalmente, velhos *blasés*, arvorados em conquistadores baratos, collocam-se na Avenida, á porta dos cinemas, nos theatros, requestando e seduzindo as mulheres que passam, quando não se apresentam em publico fazendo-se acompanhar de réles prostitutas, com as quaes passam a noite em desenfreiadas orgias e nas mais escandalosas *farras!*

E quando não são dessa especie, quando não são associados em escandalos innominaveis, em materia de fallencias e de incendios, distribuindo sentenças conforme os advogados ou intermediarios delles, associados na exploração da industria judiciaria, quando a questão é considerada sob outro aspecto, da competencia e capacidade, por exemplo, quem vive no fôro aponta a dedo juizes que são burros perfeitos, incapazes de resolver qualquer questão com criterio e elevação, e outros *detraquês* ou desequilibrados, como acontece a um delles com assento na Côrte de Appellação, enfezadinho, faces encovadas, parecendo fervoroso discipulo de *Onan*, estereotypando a miseria organica, o vicio latente, em que o figado avariado soffre as consequencias do impaludismo chronico, andando sempre armado de oculos e casacão, dando perfeita impressão do classico escrevente das repartições funerarias e que personifica a inveja, o jesuitismo e a philaucia.

E quando os advogados, zelando os interesses que lhes são confiados, se insurgem ou protestam contra os escandalos, as injustiças, as patifarias, commettidas contra os seus constituintes, esses juizes prevaricadores e audazes, com um descaramento revoltante, se mancommunam no que elles pomposamente chamam a *defesa da classe* e em dous tempos, num abrir e fechar d'olhos, mettem os pobres causidicos na cadêa, ou decretam a impossibilidade de exercerem a honrosa profissão em que ganham tão duramente a vida, que para alguns juizes é farta e milagrosa!

Em compensação, nos processos como esses a que nos vimos referindo, como esse intentado pelo supplicante contra o seu diffamador, em que se trata do desaggravo da honra alheia, as partes esperam inutilmente, desde fevereiro até dezembro, que a Justiça publica descubra quem é o responsavel por um crime de calumnia, claro, perfeitamente caracterisado, em que o accusado *confessa em Juizo a sua responsabilidade e autoria*, e não chega a apurar quem deve ser punido!

Esses crimes prescrevem dentro de um anno, de modo que, quando se chegasse a apurar quem o culpado, o salteador da honra alheia, a impunidade pela *prescripção* completaria a obra execranda dos juizes!

Isso é Justiça?

Para acobertar essa pouca vergonha, alguns juizes, insolentes, desabusados, julgam impôr-se pela má educação com que recebem, quando procurados por elles, os advogados e pela rispidez com que tratam as partes. Zangam-se quando os advogados, em petições que lhes dirigem, os chamam ao cumprimento do dever, apontando-lhes os erros e os desmandos, muitas vezes a ignorancia e a má fé, abespinham-se quando os interessados se queixam.

Entretanto, motivos de sobra ha para queixas e reclamações contra taes juizes, cujo procedimento é revoltante e clamoroso.

Temos juizes, como dissemos, que vivem dias consecutivos nos fundos das tabernas e dos lupanares, onde attendem aos requerimentos das partes sómente através das mãos privilegiadas dos seus intermediarios e comparsas, quando, entretanto, urgente é ás vezes o assumpto a decidir, affectando a liberdade dos cidadãos, que ficam privados dos seus direitos porque não dispõem de certos recursos para obterem a protecção daquelles intermediarios. Emquanto as partes assim são prejudicadas no seu mais importante direito, esses juizes se entregam a uma vida desregrada e dissoluta, com grande escandalo publico, ou ás delicias de caçadas e outros regabofes no Estado do Rio ou algures.

Isto é Justiça?

Juizes que não possuem familia regularmente constituida, que se entregam a todos os excessos, que se embriagam, que se vendem, que se corrompem, affrontando a sociedade por tal fórma, podem por acaso avaliar o damno soffrido na honra alheia?

Juizes que não têm compostura na vida publica e particular, que não sabem ou não podem honrar a investidura, já não podem tambem na Republica contar com o respeito publico e o premio de consideração que lhes sancciona o merecimento para as promoções aos cargos superiores. Mas, felizmente, parece que está terminado o periodo de anarchia inicial do nosso regimen. A Republica tende a entrar num regimen normal de ordem, de moralidade politica, administrativa e judiciaria. A opinião publica já não tolera que os juizes incapazes e venaes continuem a affrontar a moralidade republicana, distribuindo justiça conforme o estado de espirito de cada juiz, conforme as *influencias* que actuem neste ou naquelle sentido sobre os julgamentos.

A justiça é publica, é devida a cada um de nós que tenha direitos a serem amparados.

O juiz já não pode impunemente, sem perder a estima publica, que é o maior castigo que pode ser infligido a homens de bem, fazer justiça segundo os seus caprichos, ou obedecendo a *certos interesses*, ou mesmo attendendo a pedidos de homens ou de mulheres, quaesquer que sejam. E quando assim procedam têm de encontrar immediatamente um correctivo prompto, que vale mais do que qualquer outra pena, na opinião publica, que então os aponta á execração e ao desprezo, quando transitam nas ruas, como os transfugas do dever, os traidores da confiança dos seus concidadãos, os infames e repellentes vendilhões do Templo da Justiça, de onde precisam, para moralidade deste paiz, ser expulsos a golpes de vergalho.

Tudo isto que se observa relativamente aos juizes se passa nas espheras inferiores da hierarchia judiciaria, entre fuccionarios do Ministerio Publico, conhecidos e apontados no Fôro como prevaricadores, como negociadores a troco, ás vezes, de pequenas quantias, ou de lhes serem proporcionadas certas facilidades pelas mulheres ou amantes dos interessados, de promoções favoraveis a estes, entre os escrivães que cobram custas exorbitantes, advogam nos seus cartorios com a condescendencia e protecção dos respectivos juizes, seus associados nos lucros, cobrando custas, não pelo regimento, mas pelo *peso* dos papeis e da bolsa das partes, e, finalmente, entre os officiaes de justiça, que se corrompem, faltando ao cumprimento de seu dever, deixando de executar diligencias e certificando falsamente, a troco de insignificantes quantias que lhes possam na occasião amenisar a situação de miseria e de fome, em que vivem com as suas familias mergulhados pela miseravel retribuição que aos seus serviços lhes é dado pelo governo.

Isto, porém, não é de admirar, porque, vindo o exemplo de cima, das camadas mais altas da Justiça local, onde os desembargadores, em sessões publicas de julgamento, costumam, faltando á compostura que lhes é devida e ao respeito decorrente dos seus cargos, lançar-se face a face, na presença de advogados e outros espectadores, os mais pesados insultos e as mais tremendas accusaçções, é natural que o pessoal subalterno de tal Justiça se sinta com o direito de seguir as pégadas de seus superiores, sem força moral nem energia para reprimir nos outros aquillo que constitue o seu habitual modo de agir.

Por sua vez, si a Justiça local assim procede, é porque sabe que, seguindo os exemplos que lhes são dados pelo que se passa na Justiça federal, ninguem lhes tomará contas e cada um poderá fazer aquillo que quizer, certo da mais completa e absoluta impunidade, porque as leis só se fizeram para ser applicadas pelos juizes contra o povo, mas seria uma extraordinaria pretenção o povo esperar que, para garantia de seus direitos, quando postergados por esses mesmos juizes, elles as applicassem com justiça, dignidade e sobranceria contra os seus collegas, de quem, em certos e determinados momentos, precisam indispensavelmente, contando com a sua subserviencia e com a facilidade de sua corrupção, para ajudal-os a fazerem prevalecer as suas decisões iniquas e abandalhadas.

Quem, trabalhando no Fôro, desconhece certos escandalos que se têm passado na Justiça federal, onde ha um juiz que, sempre muito impertigado e duro, parecendo *ter o rei na barriga*, trata as partes, através do seu habitual *pince-nez*, com uma grosseria de arrieiro, descompõe os advogados, nas suas sentenças, quando estes, cumprindo o seu dever, não lhe incensam a vaidade e o prurido que tem de illustração, quando o maior dote que possúe, na verdade, é ser senhor da mais supina ignorancia, faltando assim á calma, reflexão e imparcialidade que deve ter um juiz nas suas manifestações, ao proferir as respectivas sentenças e decisões?

Quem desconhece o que foram os escandalos havidos ha pouco tempo — acerca do levantamento de certa quantia num banco desta cidade, requisitada por precatoria vinda de um dos Estados do norte, que tanta celeuma occasionou pela imprensa desta cidade e que terminou pelo estremecimento de relações entre o juiz que nesse processo funccionou e um seu collega, ao qual as partes interessadas tambem recorreram e ao qual foram dadas por aquelle informações menos verdadeiras, que podiam dar logar a uma decisão compromettedora, que foi felizmente evitada a tempo por este ultimo magistrado?

Quem, assistindo habitualmente ás sessões do egregio Supremo Tribunal, não tem assistido ás tremendas descomposturas que os illustrados ministros passam de vez em quando, por occasião de certos julgamentos, uns nos outros, usando das phrases mais inconvenientes e da linguagem mais impropria para um tribunal daquella ordem, desmoralisando-se reciprocamente e acanalhando aquelle tão magestoso e augusto recinto?

Quem não assistiu ainda ha poucos dias, no julgamento de uma celebre questão em que é interessada uma estrada de ferro estadoal, quando se discutia a suspeição levantada relativamente a

certos ministros do Supremo Tribunal, por terem funccionado na causa, na instancia inferior, como advogados de uma das partes parentes desses mesmos ministros, á catilinaria, ao verdadeiro destampatorio partido de um desses ministros, que além de tudo é notavel professor de direito e jurisconsulto, contra os advogados em geral, a quem acoimou de *improbos* e *canalhas*, especialmente o que allegou a dita suspeição, esquecendo-se assim o illustrado cultor das letras juridicas de que a calma, a delicadeza da linguagem, a imparciliadade e a compostura são requisitos primordiaes e inherentes á funcção do julgador?

Isso é Justiça?

A ordem na sociedade, a disciplina social, repousam na boa e sã justiça. Neste momento opera-se no paiz uma reacção civica contra a desmoralisação e a anarchia geral que levou o paiz ao estado de degradação extrema em que se encontra.

A violação dos direitos, as iniquidades de toda ordem, o esquecimento das leis, que aliás dão máo resultado sómente porque não são cumpridas, a falta de justiça produziram o descalabro em que ora se encontram a sociedade e a propria nacionalidade brasileira.

Contra esse estado de cousas espiritos bem formados iniciaram uma cruzada que visa á regeneração da nação, o fortalecimento da Republica, a rehabilitação dos costumes, a implantação da moralidade politica, administrativa e judiciaria.

A Liga da Defesa Nacional é o expoente maximo do movimento que se opera no paiz para que o Brasil deixe de ser o que é e passe a ser o que deve realmente ser.

Olavo Bilac anda de Estado em Estado, de cidade em cidade, incutindo nos corações a fé no futuro da patria. E, irmanados a elle, combatendo pelo mesmo ideal, arregimentam-se os representantes da nação nas duas casas do parlamento para acabar, de modo radical, com tudo quanto tem dado logar á desorganisação e ao comprommettimento do regimen actual e na imprensa, na alma da mocidade, unidas tambem para o mesmo fim nobilitante e patriotico, por toda parte, surge a esperança de melhores dias.

Por que não se alistam V. Ex. e alguns outros que receberam do governo a elevada missão de distribuir justiça, percebendo dos cofres publicos a devida remuneração, nessa cohorte que agora trabalha pelo resurgimento do paiz e das suas instituições?

Por que, com o contingente poderoso do exemplo, da pratica bemfazeja, do recto cumprimento do dever, exercendo com absoluta dignidade a investidura, escravo da lei, cada representante da Justiça não coopera nessa obra grandiosa?

Por que, denegando justiça, deixando ao desamparo os direitos, perdendo o respeito publico, concorrendo para o esphacelamento da sociedade, abalada em seus fundamentos por tantas fraquezas, cada juiz não exerce de preferencia o seu sacerdocio com elevação, com dignidade, com rectidão, com inteireza, elevando desta fórma o nosso nivel moral, concorrendo por este meio para que a nação se fortaleça e não vá aos poucos á garra, afundando-se no lamaçal em que se encontra?

Por que V. Ex. não comparece diariamente á séde do juizo, recebendo as partes, distribuindo sã e boa justiça, como é do seu dever, honrando o cargo, elevando a magistratura e, contra o regulamento, contra as praxes, V. Ex. comparece ao cartorio ás oito horas da manhã, quando por acaso se resolve a mostrar que é juiz, fugindo assim ao convivio dos interessados?

Onde se esconde V. Ex., depois disso, que todos o chamam e ninguem lhes responde? Em que céo, em que estrella, em que *tenda?* Por que, contra a jurisprudencia estabelecida, contra a lei clara, num prurido doentio de originalidade, contra a evidencia das provas, deixa V. Ex. de fazer justiça, resolvendo as questões pelo criterio dos caprichos absurdos, como si os juizes, num paiz civilisado e policiado, não tivessem de prestar contas de seus actos á sociedade, para merecerem o premio da consideração publica ou o justo castigo dos seus erros, das suas leviandades, das immoralidades, das venalidades que praticam no exercicio do cargo, na vida publica ou na particular?

Por que, em vez de estar V. Ex. acompanhando o movimento geral em pról do reerguimento do paiz, prefere continuar a intensificar a anarchia, o esphacelamento da sociedade, mais desmoralisando a Justiça?

Por que não segue V. Ex. o exemplo de outros juizes, embora em pequeno numero, integros, honestos, dignos, que não são insolentes com os fracos, que ahi estão na Justiça local honrando a nação, dignificando a magistratura?

Não é possivel que continuemos a viver assim. A impunidade para todos os crimes vai sendo um facto. Os assassinos acotovelam-se na rua com os homens de bem.

Qualquer scelerado — e é esse o triste espectaculo a que estamos diariamente assistindo — pode assaltar impunemente a honra e a vida alheias, comtanto que não seja a dos juizes, certo de que dahi nenhum mal lhe advirá, porque apenas a honra dos juizes está garantida, uma vez que elles tenham a faca e o queijo na mão e por isto cortam largo quando o negocio lhes toca por casa.

As chicanas, os subterfugios são usados por juizes como V. Ex., para proteger, deslavada e cynicamente, os criminosos, em sentenças que causam admiração e assombro a toda gente, fazendo até duvidar da integridade mental de quem as profere e no momento de as proferir!

O juiz deixa de ser a garantia da sociedade para se transformar — sabe Deus por que motivos! — em protector de criminosos.

Não admira, portanto, que tenhamos chegado á situação presente, em que nesta terra quasi todos são ladrões ou assassinos, tendo desapparecido os homens de bem, juizo que não pode deixar de formar quem, alheio ao meio, estudar a nossa sociedade através de observações pessoaes e da leitura dos jornaes. E por que chegámos a esse gráo de degradação, si não porque não ha Justiça?

Pois não é verdade que V. Ex. tem lavrado sentenças absolvendo ladrões apanhados em flagrante?

Pois não é verdade que V. Ex. tem, em sentenças vasias de argumento juridico, mas cheias de innovações perigosas, absolvido estellionatarios confessos e audaciosos?

Que sociedade pode resistir a semelhante solapamento?

Mas da injustiça dos juizes existe sempre recurso para um tribunal supremo e infallivel — a opinião publica.

E' esse direito que o supplicante exerce neste momento, porque não se conforma com esse verdadeiro *avaccalhamento* de juizes que assim prostituem tão miseravelmente a Justiça, mostrando-se sem escrupulos, sem dignidade profissional, sem amor á investidura, sem respeito pela propria individualdade, com graves prejuizos para a sociedade e para a Republica.

Forçado a obedecer ao decidido julgado no terreno judiciario, em ultimo recurso, pela 3ª Camara da Côrte de Appellação, que reconhe-

ceu a não responsabilidade de Oscar Rosas pelas injurias e calumnias contidas no referido artigo, *de que elle se confessou, em audiencia do Juizo, autor-responsavel,* teve o supplicante de intentar contra o Sr. Salvador Santos, como editor-gerente da *Gazeta de Noticias,* a quem declarou o mesmo accordão caber na hypothese a responsabilidade pela publicação incriminada, o respectivo processo, que foi iniciado perante o Juizo de V. Ex.

Instaurada a formação da culpa e interrogado o Sr. Salvador Santos, logo em seguida dirigia este a V. Ex. uma petição concebida nos seguintes termos:

"A *Gazeta de Noticias* de 20 de fevereiro do corrente anno, em sua parte editorial, publicou, sob a epigraphe "Notas e Noticias", uma carta enviada pelo Sr. Oscar Rosas, ex-agente de publicações d' *A Tribuna* e d' *O Malho*, de que é dreetor o Sr. Luiz Bartholomeu, deputado pelo Estado do Paraná, em que fazia referencias assás graves a este ultimo senhor.

O referido deputado jornalista, no intuito de demonstrar que eram calumniosas as imputações que lhe foram feitas, em face dos documentos que por antecipação fez publicar, moveu contra o referido Sr. Oscar Rosas um processo de calumnia, que transitou pelo Juiz da 1ª vara desta capital.

Nesse processo, a 3ª Camara da Côrte de Appellação, contra a uniforme jurisprudencia seguida até então, declarou ser responsavel pelas referidas publicações o director da *Gazeta*, que é o Sr. Salvador Santos, apezar de ter o Sr. Oscar Rosas comparecido a Juizo e declarado assumir a responsabilidade daquella publicação, de que é o unico autor.

A' *Gazeta de Noticias* não chegaram absolutamente outros documentos comprobatorios do facto imputado ao Sr. Luiz Bartholomeu, além da mencionada carta do Sr. Oscar Rosas, que, si encerrava calumnia, não foi esta levantada pela *Gazeta,* que apenas deu publicidade á carta.

Sendo os documentos publicados pelo Sr. Luiz Bartholomeu de natureza a evidenciar por completo a falta de fundamento do facto imputado na referida carta, não pode, entretanto, attingir a probidade profissional da *Gazeta de Noticias*, porquanto não foi ella que levantou contra o citado deputado jornalista a accusação da qual esses referidos documentos dados a publico evidenciam a improcedencia.

A direcção da *Gazeta de Noticias* não se exime nunca á responsabilidade dos factos que nesta folha são articulados.

Em fazendo esta declaração com referencia á carta que deu causa ao incidente, quer deixar bem accentuado que, quando ella não possa apresentar os documentos em que se escudam as suas accusações, não as entrega á publicidade.

Com referencia á publicação de que se trata, ella só foi inserida na *Gazeta* á vista de ter o Sr. Oscar Rosas se compromettido a assumir litteralmente a respectiva responsabilidade, o que fez apenas por declaração verbal, em Juizo, deixando de exarar a sua assignatura no referido original, o que deu causa ao julgado da 3ª Camara impronuncial-o, por não o considerar autor-responsavel da publicação feita nesta folha.

E' o que nos cumpre dizer para encerrar o incidente."

No dia 26 de novembro ultimo, a *Gazeta de Noticias* publicava as declarações acima transcriptas e constantes da petição que dirigiu a V. Ex., na mesma columna da secção "Notas e Noticias" em que fôra publicada a calumniosa imputação, ficando assim desfeitas todas as injurias e calumnias assacadas contra o supplicante e engendradas pelo espirito perverso do infeliz Oscar Rosas.

A ninguem é dado, em circumstancias taes, obter uma reparação mais completa, mais positiva e mais consoladora á sua honra offendida do que aquella que lhe fôra, pela fórma por que o fez a *Gazeta*, dada publica e solemnemente.

Deante disto, o supplicante, tendo assim obtido a reparação que não conseguira da original Justiça desta terra infeliz, vem declarar pela presente que, dispensando a assistencia legal que procurara, illudido sobre a verdade do que se passa no Fôro e que hoje tão bem conhece, para a defesa dos seus direitos, desiste de continuar com qualquer procedimento judiciario decorrente da queixa que offereceu contra o Sr. Salvador Santos, editor-gerente da *Gazeta de Noticias*, mas declara tambem que não desiste e não desistirá, mas antes se compromette, pelos meios ao seu alcance, a dizer e mostrar ao povo e aos governantes o que é a Justiça e o que são alguns juizes desta terra, dos quaes todos quantos delles necessitem para impetrar e distribuir-lhes justiça devem fugir a sete pés, como o diabo da cruz!

Assim, pois, REQUER a V. Ex. se digne ordenar seja tomada por termo a desistencia requerida e a presente petição junta aos autos, para os effeitos de direito, termos em que

P. deferimento.

Luiz Bartholomeu.

Rio, 18 de outubro de 1916.

(Transcripto d'*A Tribuna*, do Rio de Janeiro.)

A primeira viagem do "Deutschland"

NARRAÇÃO ORIGINAL DO SEU COMMANDANTE PAUL KŒNIG

(Traducção especial d'«A TRIBUNA» do Rio)

(*Transcripção*)

Começamos a publicar a interessantissima narração da primeira viagem do submarino mercante *Deutschland*, facto que encheu de admiração e assombro o mundo civilisado. Como ainda está na lembrança de todos, a viagem do *Deutschland* provocou os commentarios mais desencontrados, havendo quem affirmasse que aquelle submarino mercante nada mais era do que um navio de guerra disfarçado em cargueiro. Partindo deste ponto de vista, os representantes dos paizes da *Entente* em Washington chegaram mesmo a pedir ao governo norte-americano a internação do audacioso submarino. Esta idéa, como se verá da narração feita pelo proprio commandante do *Deutschland*, era absolutamente absurda. Aquelle navio nada tem em commum com a marinha de guerra da Allemanha. Elle representa apenas o inicio de uma nova phase do inter-cambio maritimo. A iniciativa da viagem do *Deutschland* é inteiramente particular, o que torna o acontecimento ainda muito mais curioso.

O CAPITÃO PAUL KOENIG, COMMANDANTE DO DEUTSCHLAND.

O commandante do submarino, o Sr. Paul Koenig, autor da curiosissima narração que *A Tribuna* offerece aos seus leitores, não é — ou melhor, não era até ha pouco — um profissional na conducção desses arrojados desbravadores do abysmo. Elle mesmo vai contar com muita modestia a sua iniciação nos mysterios dessa nova arte nautica. Acompanhar-lhe a narração vai ser, com certeza, de hoje em deante, um dos maiores prazeres intellectuaes dos leitores d'*A Tribuna*.

Prefacio

A viagem do submarino mercante *Deutschland* manteve por bastante tempo em curiosa impaciencia a opinião publica do Velho e do Novo Mundo. Os mais ferozes commentarios acerca da nossa travessia e do nosso destino appareceram em um sem numero de jornaes. Nem relembremos aqui as bellas fantasias com que os inglezes tantas vezes annunciavam que o *Deutschland* havia garrado, ido a pique, ou que fôra enviado em fórma de *colis-postal* para a America! Como nós nos divertiamos em alto mar, quando o nosso radio-telegraphista apanhava do ar esses gordos *canards* inglezes!...

Com tanto maior prazer, começo eu agora a fazer a narração das aventuras succedidas nessa viagem maravilhosa. De facto, é preciso convir que a viagem não foi tão fabulosa quanto possa parecer á imaginação alheia. Nem se admittiria, de resto, que ella tivesse traços de communhão com as fabulas. As proprias aventuras, nós a evitavamos cuidadosamente, tanto quanto possivel. Por isto não se espere, neste pequeno livro, uma série de acontecimentos captivantes como se costuma encontrar nas narrações das viagens de flibusteiros. O nosso encargo, como se sabe, era levar, si possivel sem incidentes, o nosso precioso carregamento á America, prégar uma peça ao bloqueio inglez e retornar á patria com outro carregamento igualmente precioso. Estes intentos foram plenamente conseguidos. E é a narração de como isto succedeu que será feita aqui.

Entretanto, as cousas nem sempre correram tão bem quanto fôra para desejar. Pelo contrario, muias vezes encontrámos um *tempo grosso*, verdadeiramente diabolico, e muitas cousas não se passaram exactamente como estavam no programma. Por isto, é justamente aos inglezes que o leitor deverá os pequenos accrescimos interessantes desta narração. Si elles não conseguiram interromper a nossa viagem, tornam agora a sua narração sensivelmente mais pittoresca e agradavel. Negal-o seria inteira ingratidão.

Quero deixar registrado aqui um agradecimento especial aos meus dous officiaes Kra-

pohl e Eyring. As annotações desses dous senhores completam em muitos pontos a minha historia.

Não se pode estar sempre sobre a torre — quasi, pelo costume antigo, ia dizendo sobre a "ponte" — e é certo que seis olhos enxergam mais do que dous. E o essencial num submarino é enxergar.

Toda uma série das occurrencias aqui transcriptas procede directamente das observações dos meus officiaes. Como elles na travessia foram os meus fieis e incansaveis camaradas, são tambem agora os meus collaboradores no relato da nossa viagem. Por isto, eu lhes sou ainda mais agradecido do que aos proprios inglezes. E provavelmente tambem os meus leitores.

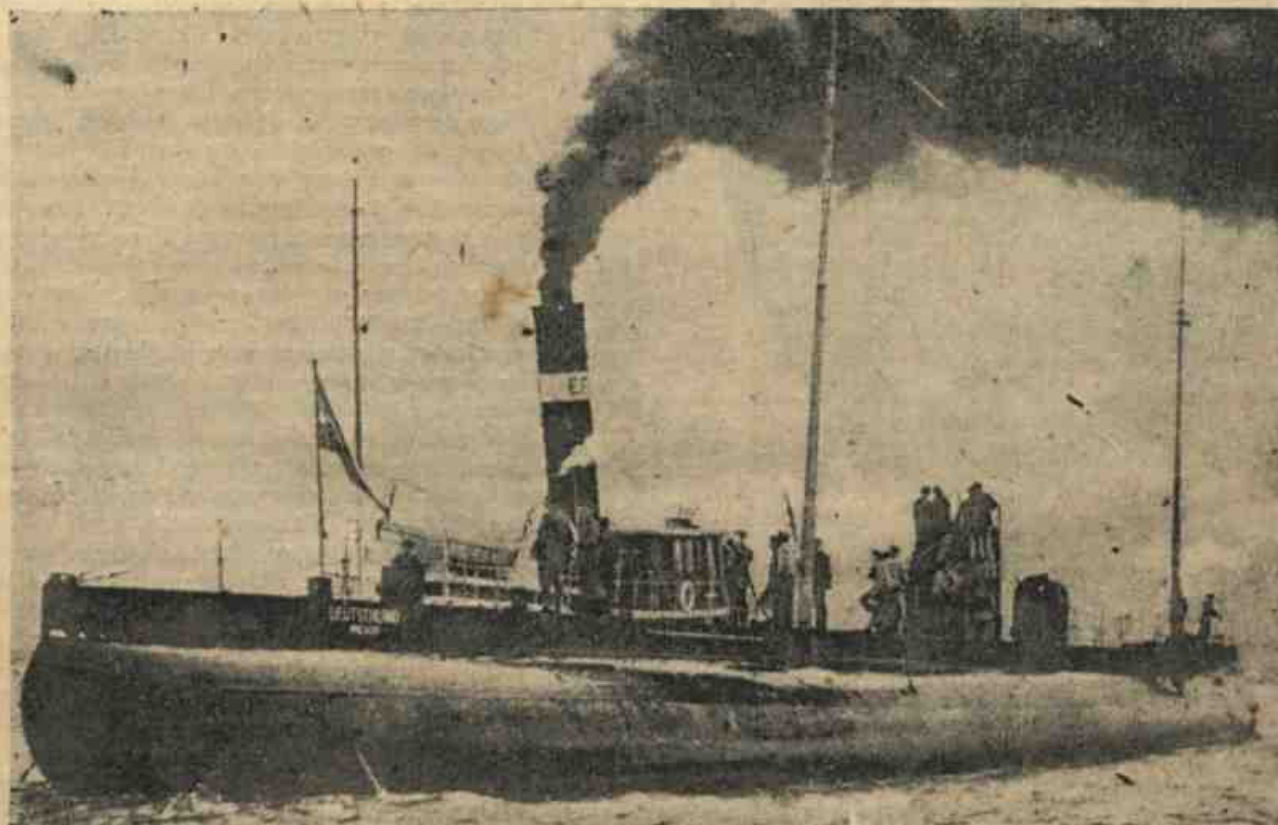
O AUTOR.

Como nós obtivemos o «U-Deutschland» e como o «U-Deutschland» me obteve a mim

Como nós chegámos ao "U Deutschland"? Seria uma longa historia. Deixal-a-ei a cargo de pessoa mais autorisada. Aliás, o principal dessa historia já foi dito nos discursos que após o regresso do *Deutschland* commemoraram no palacio da cidade de Bremen o memoravel acontecimento, e que com a narrativa da nossa recepção poderão ser encontrados no fim deste livro.

Para mim, a idéa de construir submarinos mercantes, destinados a longas travessias, representa a expressão da vontade do povo allemão de frustrar o bloqueio inglez do nosso paiz e das costas americanas, bem como de interceptar o nosso regular intercambio commercial. O espirito das iniciativas hanseaticas, o engenho technico da construcção naval allemã e a capacidade de um dos nossos maiores estaleiros uniram-se para dar o maior golpe no despotismo maritimo da Inglaterra, desde todos os tempos em que o *Union Jack* esvoaça sobre os mares. Não se pode ainda hoje calcular as modificações e as revoluções que trarão comsigo a construcção e o trafego dos submarinos cargueiros. E' possivel que toda a organisação militar e maritima se venha a transformar, que novas concepções e destinos surjam no direito das gentes e que com isto venham a apparecer tão notaveis transposições nas relações dos mercados mundiaes que acabem por influir sobre a existencia dos povos, de modo mais significativo do que mesmo a formidavel guerra actual. Tem-se a impressão, neste particular, de que a humanidade estaciona na entrada de uma nova época da sua historia. E nós podemos estar orgulhosos com o facto de haver sido um navio allemão o precursor dessa nova época. Que significa contra isto a allegação de já haverem submarinos canadenses cruzado antes de nós o Oceano Atlantico? Os canadenses navegaram em companhia de torpedeiros, cruzadores e navios auxiliares, e fizeram toda a viagem immersos. Além disto, outras e melhores eram ainda as condições daquelles ensaios, pois que os navios levavam apenas o necessario carregamento de viveres e munições, não lhes pesando, afóra os seus armamentos, nenhum peso morto. Antes de mais nada, e isto é o essencial, elles poderiam defender-se em qualquer caso de perigo. Para o submarino mercante, pelo contrario, a unica defesa consiste em desapparecer da superficie. E mesmo isto não se pode fazer sempre com um navio do tamanho do nosso, deslocando quasi duas mil toneladas.

* * *

Assim, um bello dia, encontrei-me eu distinguido com o encargo de conduzir o *Deutschland* á America.

O SUBMARINO DEUTSCHLAND *ANCORADO NO PORTO AMERICANO, TENDO A SEU LADO O REBOCADOR QUE O CONDUZIU.*

O CAPITÃO KOENIG, CERCADO DA VALENTE TRIPULAÇÃO DO DEUTSCHLAND.

Um encargo, como se vê, absolutamente novo e original e que ainda seria novo para mim, mesmo que eu não fosse um velho capitão do Lloyd e sim um joven commandante de submarino.

Direi, pois, agora como foi que eu cheguei ao *Deutschand*. Foi uma historia rapida e surprehendente. Em meados de setembro de 1915, estava eu em Berlim, occupado com alguns negocios. O meu valente *Schleswig*, eu já o tinha abandonado ha muito tempo. Mas o *Norddeutscher Lloyd* sabia do meu endereço. Certa noite encontrei no hotel um aviso, convidando-me a procurar no Adlon, tão depressa quanto possivel, o Sr. Lohmann, de Bremen.

Este aviso surprehendeu-me. Eu sabia bem quem era o chefe dessa reputada casa da praça de Bremen e conhecia mesmo pessoalmente o Sr. Lohmann, a quem encontrara em Sidney, onde a sua firma tinha a representação do *Lloyd*. Não podia atinar, entretanto, sobre o que quereria de mim o Sr. Lohmann, agora, durante a guerra, quando a navegação allemã está "varrida de todos os mares", segundo se pode ler diariamente em todos os jornaes inglezes.

Certo — raciocinei — uma linha allemã para os Estreitos e a Australia não se poderia pôr facilmente em movimento agora. E no Baltico a firma Lohmann não mantém intercambios commerciaes. Que se quereria, então, em tal tempo e em Berlim, de um velho navegador dos mares da Asia Oriental, da America e do Mediterraneo?

Isto perguntava eu a mim mesmo, emquanto me fazia de caminho para o Adlon.

O Sr. Lohmann recebeu-me com muita affabilidade e não fez grandes rodeios. Relembrou os bellos dias de Sidney e perguntou si me agradava essa demorada permanencia em terra e si não desejaria sahir novamente para uma "longa viagem".

Que haveria de responder a isto um velho marinheiro obrigado a deixar o seu navio em paiz meio inimigo e que andava atirado á terra como um casco abandonado, emquanto os malditos cruzadores inglezes estão á espreita no canal e nas *Shetlands* e tiram a cor-

respondecia de bordo dos navios neutros, mesmo a quatro milhas de Nova York?... Dei de hombros e preferi calar. Surgiu, então, o grande mysterio. O Sr. Lohmann, fallando franco, disse-me que estava preoccupado com a idéa de organisar uma linha de submarinos mercantes para a America, perguntando em seguida si eu estaria disposto a conduzir o primeiro navio. A viagem inicial deveria ser para Newports-News.

Ponderou o Sr. Lohmann que eu deveria ter das viagens nos navios da *Baltimore-Linie* e do *Norddeutscher-Lloyd* exactos conhecimentos das aguas e das condições de navegabilidade da bahia de Chesapeace. E terminou perguntando si me sentia capaz de conduzir um desses submarinos mercantes através o Atlantico, dada a hypothese de que o negocio se viesse a realisar.

A pergunta sacudiu-me. Nunca fui amigo de longas conversas e por isto disse-lhe logo que sim. Vi de golpe que havia ahi um motivo em que um individuo já passado dos quarenta e cinco se poderia tornar util nesta guerra de listas negras e de quotidianos roubos de malas postaes.

—Sr. Lohmann—disse-lhe—si o negocio se fizer, póde contar commigo.

E o negocio realmente se fez. Dous mezes não eram ainda passados, quando um telegramma me chamou para uma urgente entrevista em Bremen. Ahi vi eu planos de viagem e de construcção, que me faziam quasi duvidar dos proprios olhos. E quando, passados mais quatro mezes, que na verdade não gastei inutilmente, me dirigi a Kiel, vi levantar-se do outro lado do canal, em Gaarden, uma construcção de aço, verdadeiramente exquisita. Arredondado, corpulento e absolutamente tranquillo, lá jazia aquelle corpo que escondia no seu interior todo o complexo impressionante daquelles planos e linhas que eu vira, mezes antes, em Bremen. Eu não direi que a realidade acabada fosse desde logo mais comprehensivel do que aquella teia infinita de traços e linhas lançadas sobre um papel azul e que me haviam ao primeiro momento confundindo olhos e sentidos. Os meus leitores que já viram em revistas illustradas photographias do interior de um submarino comprehenderão isto perfeitamente. E quandó, em face dessa tremenda confusão de rodas, helices, parafusos, gatilhos, canos e tubos, na presença desse amontoado de alavancas e apparelhos, dos quaes cada um deve ter uma utilidade importantissima e uma significação imprescindivel, os meus leitores se sentiram absolutamente desconcertados, podem consolar-se commigo, que a mim succedeu o mesmo... Mas quando o monstro, depois de baptisado, mergulhou nagua com magestosa calma parte do seu corpo pardacento-esverdeado, então tornou-se visivelmente um navio que nadava no seu elemento, de accordo com todas as regras, e que dava a impressão de que sempre fôra assim.

Nesse mesmo dia pisei pela primeira vez a estreita coberta e subi á torre. Olhei para baixo e senti-me surpreso: — por baixo de mim estendia-se uma longa e esbelta embarcação de linhas graciosas e fórma quasi elegante; só sobre os lados, onde o corpo esverdeado emergia da agua, volumoso e arredondado, podia se imaginar quão poderoso devia ser o tronco. Com arrebatamento e orgulho, os meus olhos abrangeram toda a fórma, que se movia levemente, reunindo em si a subtileza e a força. E, então, eu comprehendi: o que me parecera o resultado de uma delirante fantasia de technicos, era já um navio com que se conseguiria atravessar o oceano, um verdadeiro navio, a que um velho marinheiro poderia prender o coração.

E assim se explicou como me fiz eu commandante do primeiro submarino mercante.

As experiencias e a partida

Começou então uma época maravilhosa e magnifica. Todos os dias sahiamos do porto e desciamos á profundeza do mar. Os exercicios se faziam com qualquer tempo e opportunidade. Cada membro da escolhida tripulação conhecia exactamente a responsabiidade que pesava sobre nós todos.

Tratava-se de obter a capacidade de dirigir a mais subtil e complicada embarcação, o ultimo producto dos calculos mais ousados e transcendentes; tratava-se de conhecer e dominar a ultima maravilha da navegação — um submarino. Era mister que nós nos habilitassemos a imprimir a nossa vontade a esse corpo negro de quasi duas mil toneladas, de modo que elle obedecesse ao mais leve signal da helice, se movesse e manobrasse como uma torpedeira, subisse e descesse dentro dagua como um "Zeppelin" sóbe e desce no ar. Tratava-se de examinar a segurança desse desabrido monstro de aço, de experimentar a força e a obediencia das suas formidaveis machinas, de descobrir as suas imperfeições, de arrancar-lhe os segredos da sua mobilidade e os mysterios da sua complicada constituição. Um submarino é caprichoso como uma mulher e susceptivel como um cavallo de corridas; é leal como um cargueiro e seguro como um rebocador; pode ter propriedades muito boas — ao lado de outras muito más; pode ser dirigivel com a facilidade de um *yacht* e pode emperrar como um matungo de carroça; e o certo é que, só obedece áquelle que o conhece até nas suas ultimas particularidades technicas.

Dest'arte passámos fóra do porto semanas e semanas em cima e debaixo dagua, estudando o nosso navio, précurando familiarisar-nos com todas as modalidades e invadir todas as peculiaridades desse amphibio nautico. E depois, quando voltavamos da tranquillidade das bahias ao barulho ensurdecedor dos estaleiros, passavamos horas a fio, trocando impressões com os constructores. Da realidade experimentada nasciam muitas suggestões que serviam de base a novos planos e novos aperfeiçoamentos.

Eu mal posso julgar quanto devo ao trabalho em commum com os directores do estaleiro. Todos elles foram incansaveis em experimentar commosco, em todas as suas minudencias, o maravilhoso producto do seu trabalho intellectual.

Ainda no dia da nossa partida, o genial constructor do navio, o engenheiro Erbach, foi até o ancoradouro, afim de fazer uma ultima experiencia de immersão.

(*Continúa*)

Consultorio medico d'«O Malho»

Com o intuito de prestarmos um serviço aos nossos leitores, resolvemos estabelecer um consultorio medico que attenderá ás consultas a elle dirigidas pelos nossos assignantes do interior, e que ficará a cargo de dous abalisados clinicos, um homœpatha e outro allopatha.

Os nossos assignantes do interior que se quizerem utilizar do nosso consultorio medico deverão fazer suas consultas por carta, dando os symptomas da molestia, a edade e sexo do doente, e bem assim todos os esclarecimentos necessarios, de modo a poder o medico formar um juizo perfeito da molestia.

As consultas serão respondidas nesta secção, ou por meio de carta particular, conforme os nossos assignantes pedirem. Neste ultimo caso cada consulta deverá ser acompanhada de um sello de 400 rs. Toda a correspondencia póde ser desde já dirigida ao «Consultorio medico d'O MALHO», rua do Ouvidor n. 164. Rio de Janeiro.

Classificada em 6· logar
CONCURSO MUSICAL 1916
Grupo II — N. 23

Recordando teus sorrisos

SCHOTTISCH

José Itiberê de Lima
(Paranaguá - E. do Paraná)

Trio
1ª
8ª
loco
2ª
D.C. al 𝄋

Via-Lactea

CIGARRA

Em um jardim formoso, á luz crepuscular
Das tardes estivaes de um torrido Janeiro,
Uma cigarra triste abria-se a cantar
As maguas que sentia em seu viver fagueiro.

Mal no horizonte o Sól dispunha-se a occultar
No seio de um abysmo o luzido brazeiro,
Essa triste cigarra entrava a soluçar
Monotona canção de seu amôr primeiro...

Ouviam-n'a cantar mas não n'a comprehendiam...
Os soluçares seus ao longe se perdiam,
Por entre escuridão dos mudos vegetaes !

Cessou emfim o estio. O insecto emmudeceu...
E, morrendo-lhe o canto, a cigarra morreu,
Cantando o amôr primeiro, em tardes estivaes !...

(Do "Livro Singelo").
Rio

JOSÉ PAULISTA

NA LAGOA

Ao Cesar Vieira :

Manhã. O Sól fulgura. A natureza canta
E garrida se agita... Os passaros em bando
Vêm agora pousar na lagôa, bailando
Ternos, meigos, febris, c'o avenas na garganta...

Ali no mururé, gazil, de quando em quando,
Saltita a jassanã que aligera se espanta...
Das aguas no crystal a garça se quebranta,
E o impavido socó bate as azas... voando...

A quérula gaivota enamorada, vôa
E grita em derredór da limpida lagôa
Que espelha da manhã o encanto indescriptivel...

E emquanto a passarada ufana psalmodia
Seus canticos de amôr, seus hymnos de alegria,
Passeia á tona d'agua o jacaré temivel !

Belém, Pará

BENEDICTO SERRÃO

UM SONHO

(Sully — Prudhomme) :

Disse-me o lavrador num sonho : Faz teu pão,
Por ti não mais trabalho, abre a terra, semeia.
Faz com que te vestir, disse-me o tecelão,
E o pedreiro : Maneja a trolha de cal cheia.

Por todos desprezado, em solidão triste e feia,
Arrastava commigo a feroz maldição.
Se implorava o perdão do céu que azul se alteia,
Encontrava leões no caminho. Era em vão !

Despertei, busquei vêr se a aurora era real !
Operarios, cantando, espalham a alva cal,
Range, activo, o tear, o campo é semeado.

Vi minha dita, e vi que no mundo onde estamos
Não podemos dizer que os homens dispensamos ;
E depois d'esse dia a todos tenho amado...

Rio

EGBERTO ROBOREDO

NATAL

A' menina Yvonne :

Natal !... Estrada a fóra, a caravana
dos pastores, seguindo a luz da estrella
que os guia na jornada, sem perdel-a
de vista, seguem todos á cabana

onde nasceu Jesus. A fé se irmana
no coração dos crentes. Concebel-a
foi crêr em Deus e numa luz, que, ao vêl-a,
sentiram n'alma outra alma mais humana.

E, anciosos, fustigando os dromedarios,
surgem do Oriente, os reis retardatarios,
que trazem aureos cofres a Jesus...

cheios de myrrha, incenso e mimos varios
que offertam, quaes se fossem santuarios,
A'quelle que por nós morreu na Cruz.

Rio

ALFREDO BREDA

DOR

Dôr ! Amiga sinistra do meu Ser,
Que anniquilando vive, fibra á fibra,
A minh'alma singela, e, douda vibra
Pelo Mundo, entre o Pranto e entre o Prazer.

Dôr ! Suprema desgraça que ninguem
Definir sabe. Dôr ! Pungente setta
Que num momento vae, veloz, directa,
O coração ferir do noivo, além !...

Dôr ! Consequencia atroz de atroz martyrio
Que pesando vae sobre este Universo ;
Gemido agudo da alma, num delirio
Immenso, enorme, que não canta o Verso !...

Dôr ! Soluço repleto de saudade
Que no Inverno desprende um passarinho,
Chorando a perda do querido ninho
Que se foi no tufão da tempestade.

Dôr ! Perenne torrente, extranha magoa,
Que rolando vem sobre a nossa Vida ;
Fatal ausencia da Illusão querida
De um coração do Amôr ardendo á fragoa.

Dôr ! Amargo soffrer que experimento
Quando nos olhos divinaes de Alice,
— Plenos de luz, repletos de meiguice —
Diviso o pranto a flux, jorrando lento !...

Dôr... Dôr... Ah ! se eu soubesse definil-a !
Dôr ! Tormenta sem fim que na Existencia
Desaba como extranha penitencia...
Ninguem ama sem Dôr : é bom sentil-a !

Jardim do Seridó

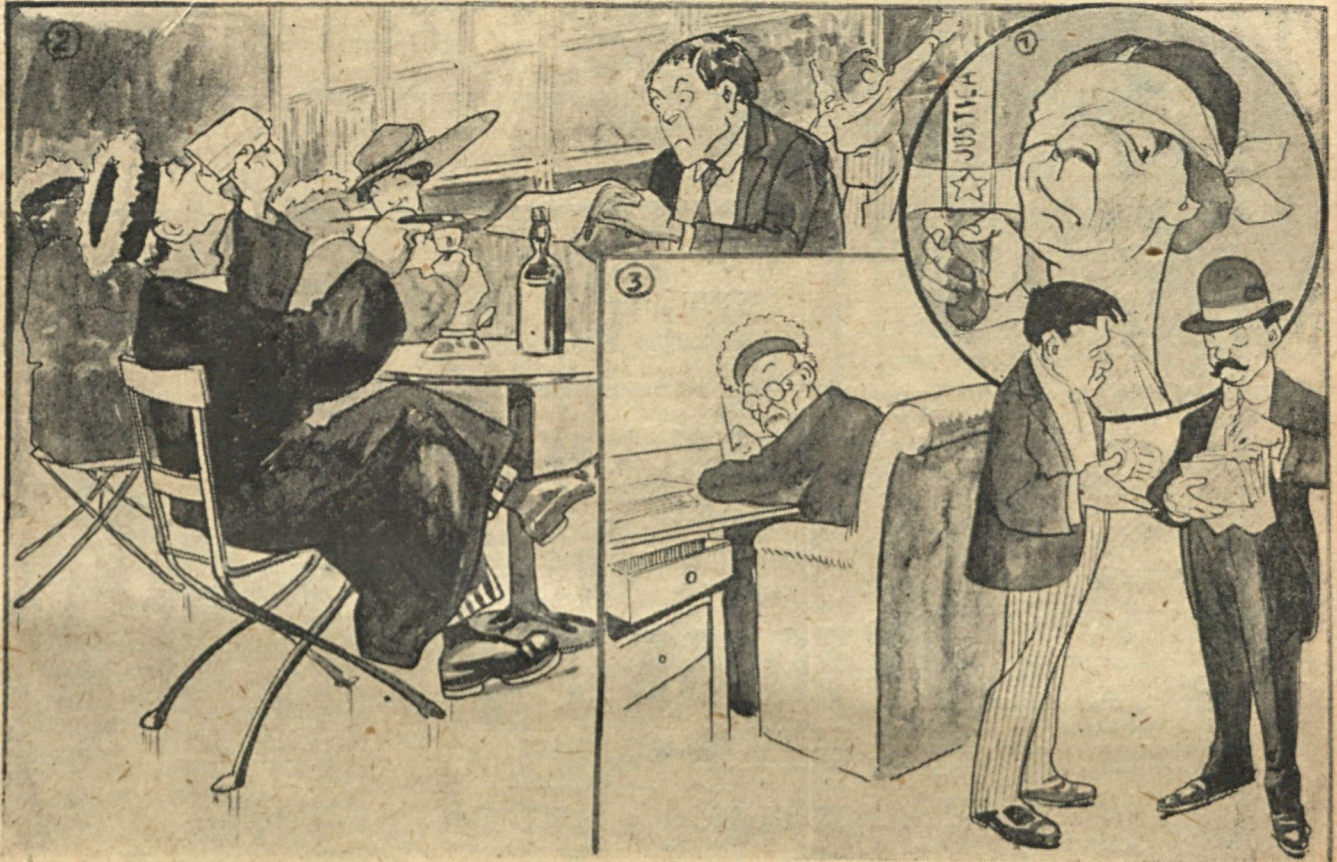
ANTIDIO DE AZEVEDO

A JUSTIÇA NO RIO DE JANEIRO

(ILLUSTRAÇÃO NECESSARIA)

"Temos juizes que dão audiencia no fundo das tabernas, onde vivem em roda de cafagestes, affrontando a moralidade publica. Outros arrastam a toga de magistrados pelas espeluncas, pelos lupanares, pelos antros da jogatina, constituindo-se patronos dos jogadores, e isto explica o segredo da impossibilidade de se reprimir o jogo no Rio de Janeiro.

.. ..

E quando não são d'essa especie, quando não são associados em escandalos innominaveis, em materia de fallencias e de incendios, distribuindo sentenças conforme os advogados ou intermediarios d'elles, associados na exploração da industria judiciaria, etc." — (*Do requerimento-libello do deputado Luiz Bartholomeu, ao juiz da 1ª vara criminal*)

1) COMO "ELLA" E': *velha rameira vendada de um lado só, mas vendida para todos...* 2) COMO SE FAZ JUSTIÇA: *no fundo dos "bars" da libertinagem, vulgo —tabernas...* 3) PORQUE SE FAZ JUSTIÇA: *pelo "quantum" maior que a parte póde exhibir, como melhor argumento...*
(*Nota justiceira: As excepções confirmam a regra geral...*)

POSTAES MASCULINOS

A' illustrada pensadora D. Eugenia R. Guimarães, em resposta ao seu postal do *O Malho n. 736*:

Li n'*O Malho* n. 736, um vosso postal, muito bem escripto; d'elle, se deprehende grande intellectualidade; revela muito talento a magia das vossas phrases, mas, tambem, infere-se d'alli, que vós sois um espirito completamente apaixonado; derramaste sobre o homem a vossa bilis, taxando-o de hypocrita e fingido, no que, (desculpae-me a expressão) fostes incoherente; a hypocrisia e a ficção, illustrada pensadora, são elementos que constituem verdadeiro dom e necessidade á mulher; o homem não costuma embahir; seu amôr é fido, é sincero! Não queria de modo algum atacar a mulher, essa molecula social, mas, vós me obrigastes a o fazer. A mulher foi, é e será sempre falsa, confundindo a falsidade com a fraqueza; a mulher quando chora, (disse Catão), arma com suas lagrimas uma cilada. Lançae, erudita pensadora, o olhar ás mais priscas éras e vereis a quem pertenceu e pertence a hypocrisia. Dissestes tambem que o homem não ama, illude, e que seu coração é voluvel; perdae-me: o homem sabe amar; elle é leal quando o seu affecto é dispensado, quando tem um amôr reciproco; a mulher, sim, só tem por fito illudir; a mulher atira impiedosamente a barathros crueis aquelle que mais a adora; a mulher procura por meio de fementidas lagrimas que verte, captar o amôr do homem, para depois, sorrindo, atiral-o aos braços do infortunio; emfim, ella é a versatil borboleta ou vario colibri, que vive de flôr em flôr!... — Anatolio Souza (Monte Alegre, E. da Bahia)

*

A' minha tia Georgina:
A ausencia não diminue a âmizade, porque trazemos constantemente a imagem da pessôa querida. — Euclydes Barreto.

*

A MULHER

Todo o animal, bem sei, tem coração...
Uns maiores, menores outros. Bem...
Todos a fórma mais ou menos têm
Do das creanças celebre pião...

Que não raciocine ou que tambem
Raciocine, (seja feio ou não);
Que tenha mais de um pé, mais de uma [mão,
Todo o animal um coração contém.

Um caso, todavia, observei,
Cuja propalação se faz mistér:
Dentre os animaes todos que estudei,

— E póde examinal-o quem quizer —
Só num do coração falta notei...
Foi no mais adoravel: A Mulher!...

Zenar Clovidor

ALBUM

Adalberto Martins, parente do nosso agente João Baptista Ramalho e representante da Alfaiataria Guanabara, no Estado do Espirito Santo, onde é muitissimo estimado por suas excellentes qualidades.

FACE D'ALMA

(Lendo o "Mal Secreto")

MOTTE

Quanta vez a dôr se occulta,
Sob um sorriso fingido !...
Quanta vez o labio exulta,
Tendo o peito entristecido !...

W. de Vasconcellos

GLOSAS

De amar e não ser amado,
A morte ás vezes resulta;
E dum pobre namorado,
No seu peito apaixonado,
Quanta vez a dôr se occulta !...

Do coração sendo a nata,
A dôr é mais que um gemido;
A dôr é magua que mata,
E qualquer Déa a recata
Sob um sorriso fingido.

Pois sorrir tambem é magua...
Quando a dôr, no peito avulta,
No supplicio duma fragoa,
Com a alma raza d'agua,
Quanta vez o labio exulta !...

Quanta vez chorar queria,
Perto do ente querido,
Porém, o labio sorria,
Mostrando sempre alegria,
Tendo o peito entristecido...

Rio.

E. Menezes Leal

A L. S. (Santos):

Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'y fie.

Francisco I

Desillusão — morte á juventude, morte á alma !

Desillusão — palavra detestavel !

Cada vez que a ouço pronunciar, soffro atrozmente: o peito, arquejante, entontece-me; o coração palpitante torva-me a vista; sinto as forças exhaurirem-se e um não sei que apodera-se de minh'alma... Nesse momento esqueço-me de tudo: da Patria, da Familia...

Ao mesmo tempo que desprezo a causadora dos meus tormentos, tenho impetos de implorar-lhe amôr ! Sim, esse amôr que só ella me inspirou...

De mim que resta ? A saudade... a esperança de um dia encontrar na Eternidade, o esquecimento !... — O. A. Vlag (Santos, Dezembro de 1916)

A' Adautina de Freitas :

A verdadeira indifferença despreza os estratagemas, assim como o verdadeiro amôr não tem necessidade de demonstrações, que só podem enganar os ingenuos. —Samuel Dantas Sobrinho (Cuyabá, Matto Grosso, 1° de de Dezembro de 1916)

(N. da R. — Essa verdadeira indifferença é, pois, um verdadeiro *habeas corpus*, sem "voto de Minerva"...)

O homem que se deixa dominar por loucas paixões, não é um homem — é um ente desprezivel. — Gomesobrinho (Urussuhy, Piauhy)

Está conforme C. P.

TRABALHO E CIVISMO

Nas officinas de Trajano de Medeiros & C., á rua José dos Reis, Engenho de Dentro — Capital Federal : aprendizes e outras pessôas que tomaram parte na patriotica "Festa da Bandeira", realizada nessa grande colmeia de trabalho.

"O MALHO" EM S. PAULO

"Pic-nic" na serra da Cantareira, realisado por auxiliares da grande Confeitaria Gentil Pastora, da capital paulista. Tomaram parte, a contar da esquerda: Antonio de Souza, Manuel da Silva Carvalho, Manuel Mendes Augusto e sua esposa, D. Clara Mendez, e Joaquim de Souza. A contar da direita: as senhoritas Mariquinhas, Marietta Gouvêa, Christiana, e Mariana, e o Sr. Antonio Loureiro. Ao centro, a gentil menina Amelia, filha do casal acima.

RISOS!...

Para a intelligente Mlle. Edith Marques:

Risos... risos em pequeninas boccas
A imagem da innocencia proclamando.
Risos, que as auras sussurrantes, loucas
Desprendem no arrebol... e vão passando...

Risos... risos que as flôres, nas campinas,
Perante os meigos rouxinóes desatam.
Risos de sensações alabastrinas
Que, de ciume, os colibris se matam...

Risos... risos que o eburneo hyperion,
Alegre solta aos pincaros dos montes.
Risos que formam o aureo pantheon
Ds flôcos etheraes dos horizontes.

Risos... risos que a luz quotidiana
Solta de norte a sul, de sul a norte...
Risos cheios de paz, de gloria ufana
Nos decantando ás regiões da Sorte...

Risos... risos que o empyreo immenso solta
Do grande seio a perfeição pequena...
Risos, que embalam a alma mais revolta
Que para a angustia e para o crime acena...

Risos... risos que o sol, ao descambar.
Nos deslumbra ao clangor da Ave-Maria.
Risos, que traçam purpurino altar,
Onde os poetas cantam noite e dia...

Risos... risos que os gelidos negrumes
Da noite vaga, nos celebram, trêdos...
Risos de noivas — cheios de ciumes,
Risos de virgens — cheios de segredos...

.. ..

E dentre os bellos risos sideraes,
Que ideiam soberanos paraisos,
Só vejo amôr e glorias immortaes
Nos vossos labios e nos vossos risos...

Wanderley dos Reis (Rio)

Um autor dramatico revia as provas de um drama seu, em verso. Numa scena d'essa peça, uma das personagens dizia á protagonista.

Beijo-lhe as lindas mãos com profundo respeito.

O primeiro revisor, tendo notado que faltava o segundo verso do distico, escrevera á margem da prova a seguinte nota:

Mas falta um verso aqui.

O autor accrescentou:

Já não falta. Está feito.

Gregorio é *surdissimo* e tem a mania de contar anecdotas.

Ha dias, num jantar de amigos, deparou-se-lhe um rival na pessôa de um sujeito que obteve grande successo de gargalhadas com uma historieta que contou.

Gregorio, despeitado, declara:

— Tem graça, mas eu sei uma muito melhor ainda

E conta a mesma.

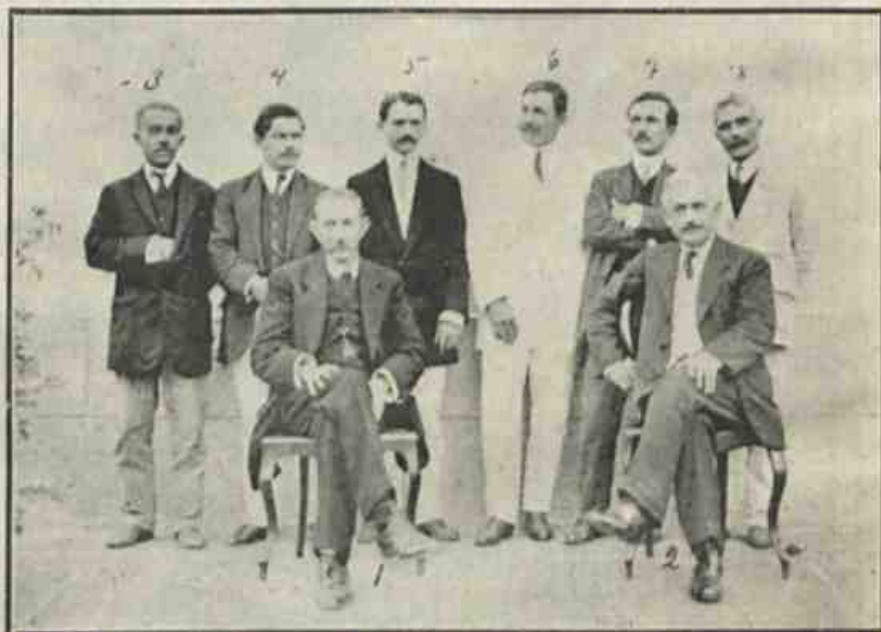
O medico a uma das suas clientes, uma solteirona espevitada:

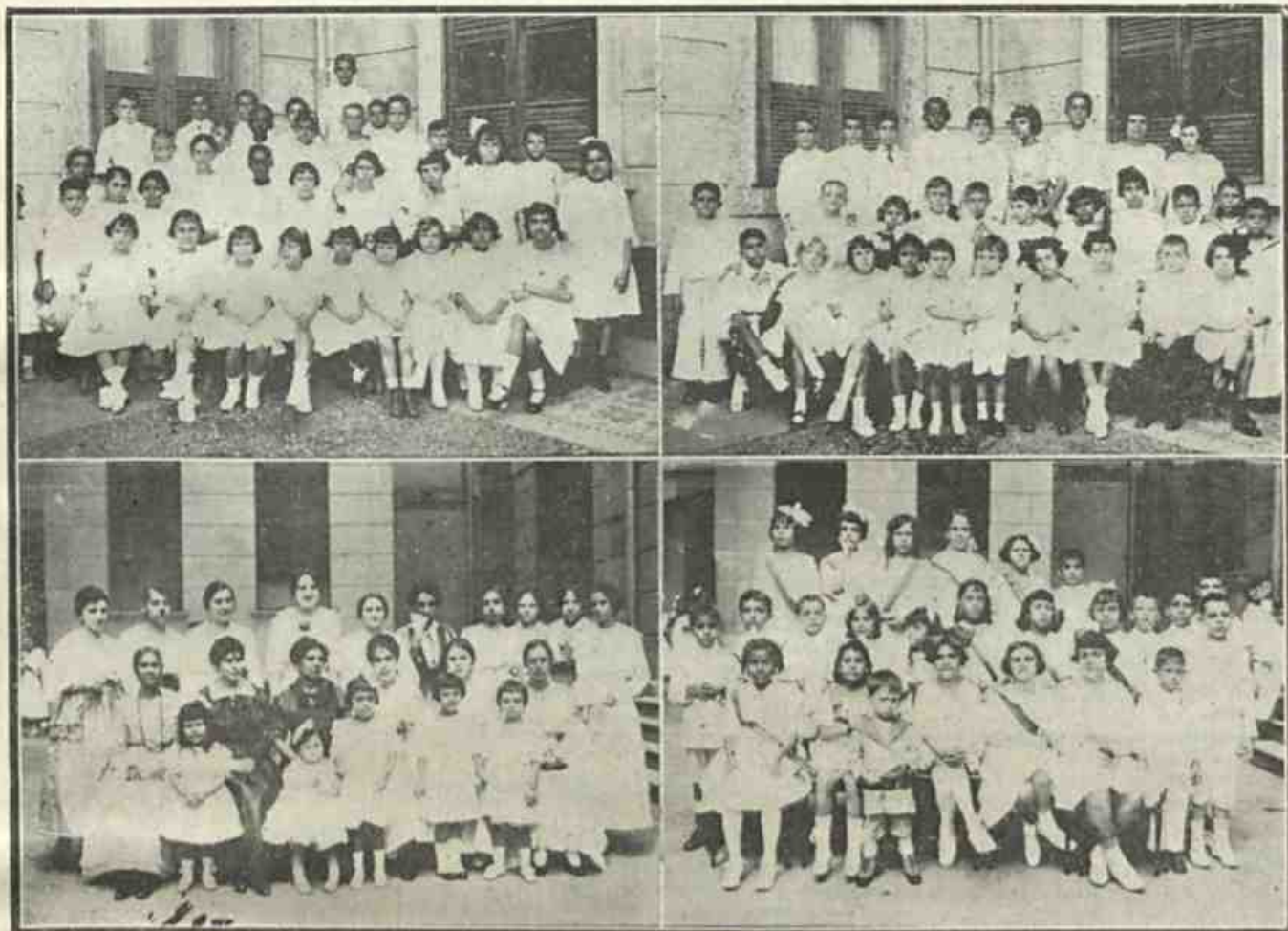
— A melhor receita que lhe posso dar é a de um bom marido.

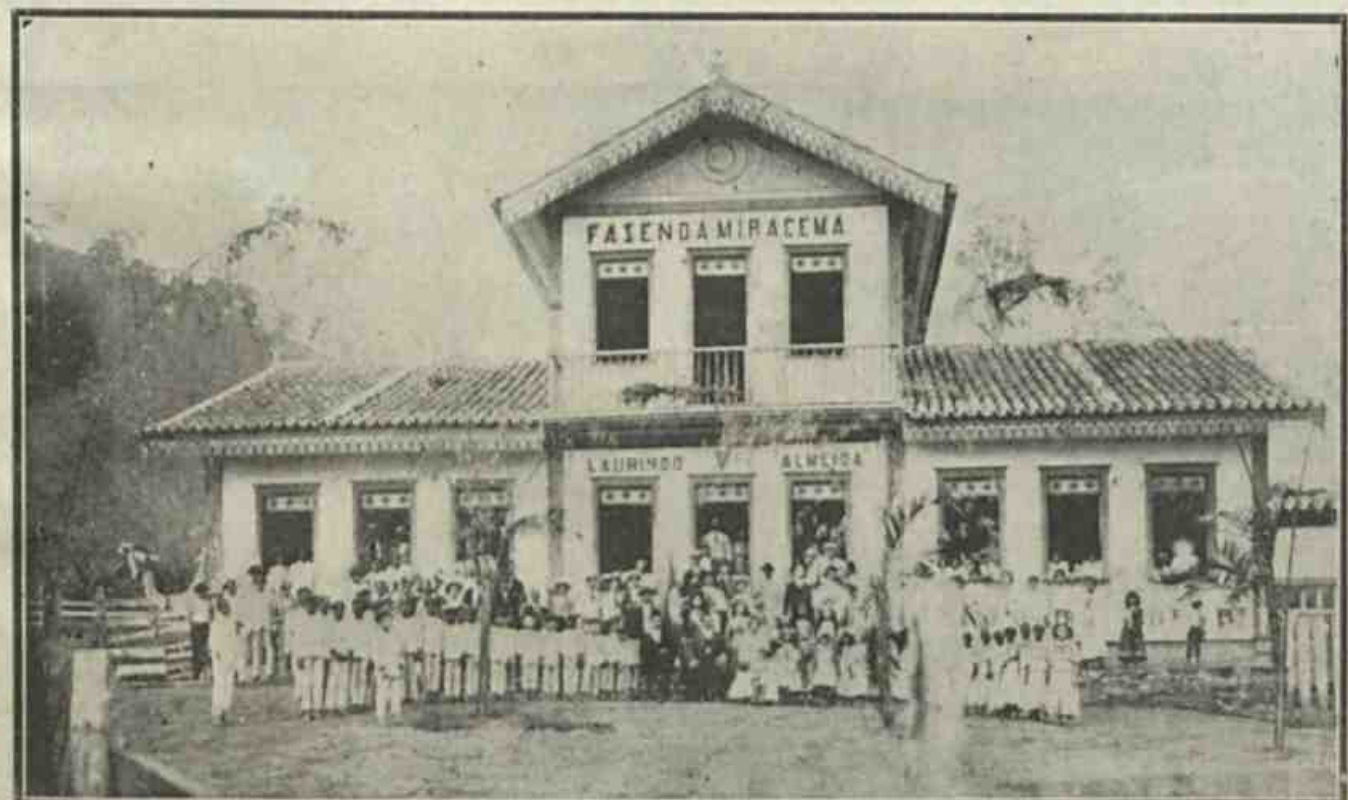
— O doutor é solteiro? — pergunta a dama com um sorriso fascinante.

— Sou... com effeito... mas... a senhora deve saber, nós os medicos, receitamos os remedios, mas nunca os tomamos.

O joven Felippe Mantorano, natural da bella Italia, activo e estimado vendedor de jornaes e revistas, que graciosamente se diz — um "picaro" musico, assiduo leitor d'"O Malho" e d'"O Tico-Tico".

"O MALHO" NO INTERIOR

Pessoal qualificado, que honra a cidade do Pirahy — Estado do Rio: 1) Coronel Gastão M. de Campos Costa, tabellião do 2º officio; 2) Coronel A. Pereira da Silva, tabellião do 1º officio; 3) Silvino Torquato Xavier, professor publico; 4) Jacintho de Araujo Arantes, escrivão de paz e policia; 5) Dr. Manuel Joaquim Moreira, adjuncto do promotor publico; 6) Joaquim da Rosa Garcias, 2º supplente do delegado de policia; 7) Capitão João Moreira de Vasconcellos, collector federal; 8) Vicente Improta, fiscal.

FESTAS ESCOLARES

Encerramento das aulas nas escolas municipaes do Districto Federal. Ao alto: grupos de alumnas e alumnos da Escola Nilo Peçanha. Em baixo: directora, corpo docente e alumnos da Escola Affonso Penna.

O ENSINO NO INTERIOR

Em Villa Rio José Pedro — Estado de Minas: um aspecto da festa "12 de Outubro", realizada pela escola municipal, na Fazenda Miracema, sob a regencia da provecta professora D. Leonidia Maria do Amaral. Presidiu a festa o Sr. Antonio Julio Pereira, secretariado pelo redactor do "Ipanema", que tambem representou o coronel João do Calhau. Todos esses personagens, bem como o Sr. Ernesto Amaral, estão sentados, ao centro do grande grupo.

AS MUNICIPALIDADES DO INTERIOR

Membros da Camara Municipal de Ayuruoca — Estado de Minas — e alguns funccionarios da mesma Camara. Sentados, a contar da esquerda: capitães João Melchiades Esaú dos Santos, João Cisino Vieira e José da Silva Santos, vereadores; coronel João Oswaldo Diniz Junqueira, presidente da Camara; capitão Ovidio Martins de Barros, 2º secretario; capitão José Esaú de Barros e tenente Alfredo Maciel de Sena, vereadores. Em pé, na mesma ordem: Honorato E. dos Santos, zelador de aguas e jardins; Luiz G. Dalia, director da secretaria da Camara; José Avelino dos Santos, thesoureiro municipal; Nelson de Assis Toledo, porteiro e continuo; e capitão David Giffani, fiscal municipal.

FESTANÇAS AO AR LIVRE

Animada sessão musical, durante o famoso "pic-nic" da "Troça Carnavalesca Bagre de Côcs", realizada na Roseira — Estado de Pernambuco, em 7 de Setembro d'este anno. Muito caracteristico...

1916

6º Torneio -- Novembro e Dezembro

Premios para 1.º e 2.º logares

CHARADAS NOVISSIMAS 241 a 251

Ao Carmen Sylvia:

2 — 2 — 1 — Albino diz que a freira, que abraçou a doutrina de Luthero, tinha pena de quem era seduzido.

Honra & Artista (Morro do Chapéu).

2—1—Pela ferrugem se nota que está definhado.

Innupto Souza (Monte Alegre)

1—1—De Chicago fui bater na China, em excursão recreativa; e lá fiquei por falta de dinheiro.

H. Pito (Macau)

1—1—No mar temos o peixe.

Guida (Bello Horizonte)

2—1—Na cabana se offerece um rebanho de ovelhas.

Gil Virio (S. Carlos)

2—2—Em tal estado, da tua cabeça, não sae narração.

Francisco Joaquim da Rocha (Canna Brava de Jacobina)

2—2—Na cidade houve um duello por causa de um nabo.

Filibres !... (Belem)

2—2—Fez um angulo, o Amazonas, com esta moeda.

Francisco Justiniano Vieira (Canna Brava de Jacobina)

(*Ao Alberico Galvão*)

2—2—Tempo tenho em demasia, porém, falta-me occasião propria para em tua cabeça collar a laureola.

Elmano Sotans (Quipapá)

1—2—Um fructo azedo.

Eduardo Peixoto (Casa Forte, Recife)

1—2—Offerece esta embarcação ao filho de Belo.

Inapto Rocha (Monte Alegre)

METAGRAMMAS 252 a 254

(varia a penultima)

8—2—Comprei a fructa com esta moeda.

Ennio & Iris (Parahyba do Sul)

(varia a inicial)

5—2—O nobre foi visto no rio.

Hendrickzoon

QUEM QUER A PAZ?

O ALLEMÃO : — Meus caros inimigos ! Não ha remedio senão propor-vos este anjo...
OS ALLIADOS : — A Paz, com essa cara de desmamar creanças e esse raminho de... espigas ?!... Uma ova ! Isso não é anjo : é o diabo ! Preferimos continuar a guerra, até que tudo arrebente !...
A VOZ DO POVO : — Tudo, a começar por mim...

ROCAMBOLE NACIONAL

"O celebre *escroc* e falsario Albino Mendes, depois de ter fugido da prisão em que aqui esteve, fugiu tambem da prisão em que se achava em Montevidéu". — (*Dos jornaes*)

O DE CÁ:

Yá se huyó el bruto perro...
Y cuando me desperté
Estava el lejos del cerro
...Oiste tu el mi berro?

O DE LÁ':

Ouvi, sim, mas comprehendes,
Foi-se o bruto como um raio!
O diabo do papagaio
Era o tal... Albino Mendes...

(varia a segunda)

5—3—Pelo semblante se conhece que foi tudo despendido com satisfação.

Flôres (Goyandira)

CHARADA ELECTRICA 255

4—Ha um homem que aprecia *o vôo das aves.*

Feijó da Costa (Cataguazes)

CHARADAS SYNCOPADAS 256 a 258

4—2—Estavamos na bateria á tua procura.

Hyperides (Bahia)

3—2—Com este vento não se vê nada.

Ferrolho (Bahia)

3—2—Estrella do Oriente, a ave ficou morta e sem cabeça.

Fausto Gouveia (Catende)

ANAGRAMMAS 259 e 260

5—2—Neste mez ganhei uma moeda.

Hermenegildo

4—2—*Eu dou gorgeta* por minha simples vontade.

French

MAS QUE CARA!

O clown brasileiro Augusto Albuquerque, actualmente em Manáos, onde pinta o saracura e tem feito estrondoso successo.

CHARADA ALEXANDRINA 261

3—Alto lá, negro!... Ao contrario, enfio-te esta espada ferrugenta.

Isis (Jundiahy)

ENIGMA CHARADISTICO 262

(*Ao Antonius*)

Na derradeira
Da barafunda

(Parte segunda)
Vejo a primeira.
Em dizer isto
Sou indiscreto
Por não ter visto
Logar secreto.

Helio d'Alva (Barreiros, Pernambuco)

CHARADAS ANTIGAS 263 e 264

Encontrei o meu criado—1—
Trazendo no seu gabão—1—
Certa cobra venenosa,
Que n'America acharão.

Gontran d'Abrunhosa (Ponta d'Areia Bahia)

Uma entrevista com Zé Povo

REPORTER: — E, na sua opinião, qual o remedio que ainda póde salvar V. S. e o Brazil?
ZÉ POVO: — Remedio?!... E' tarde de mais... Agora, só um milagre.
(Desenho e legenda de um collaborador de S. Paulo).

MARINHA MERCANTE BRASILEIRA

A tripulação do rebocador brazileiro de alto mar — "Ernestina" — a bordo do mesmo, no porto de New-York. O que está assignalado é o celebre "Jenky", que fez alli grande successo com seus prodigios de natação

O PROGRESSO DO FEMINISMO

"Agita-se muito agora, nesta capital, a idéia do "feminismo". Varias senhoras foram á Camara pedir o direito do voto, e outras procuram fazer parte das administrações da grandes sociedades". — (*Dos jornaes*)

ELLA : — Você não acha que é muito justa a nossa aspiração de entrarmos na politica e de administrarmos as associações poderosas?

ELLE : — Multissimo justa! Tanto assim que, pela parte que me toca, já estou preparado para fazer o rol da lavadeira, a nota para o armazem e outros trabalhos domesticos.

Tomára mesmo que você me liberte da canceira de cavar a vida lá por fóra!...

A qualidade ou o defeito, nasce e morre com o sujeito.

—Quando a desgraça é pequena, choramos; quando a desgraça é grande, irremediavel, sorrimos!

—A maldade é filha de um espirito obscuro, ou da ignorancia.

—Coração que não sente, espanta á gente!

—Por peor que nos pareça nunca devemos occultar uma grande Dôr; repartindo-a com outrém, sentimol-a menos pezada...

—Não deixe a janella aberta...
Amôr tem azas... Alerta!

Mary Medrado (Ouro Preto)

TRISTEZAS D'ALMA

I

"Eterno Enigma"

Quem sois, branco e bello sonhador? Vossa fronte altiva possue a inspiração divina e vossos olhos são duas estrellas de intermitente luzir, grandes e errantes, sempre a vaguear pelo ermo acariciador dos sonhos...

Quem sois que possuis as mãos pequeninas da côr das alvoradas? As extremidades de vossos dedos, nos lembram os rosados cravos do jardim de Deus. Bocca pequenina e rubra, entreaberta num sorriso franco, deixa ver duas filas de orvalho, sublimes rocios, acrysolados em rosas de rubra côr. A vossa voz melodiosa traz-nos á mente os sons das lyras dedilhadas pelos anjos do Senhor.

Quem sois, branco e bello senhador, que tendes nas faces duas viçosas rosas? Quem sois sublime poeta que tão bem cantas o Amôr?

Certo que a famosa fonte de Hypocreme, não tem tanta inspiração como as vossas divinaes poesias! Quando os meus olhos garços fitam o vosso vulto mysterioso, sinto um mysticismo prolongado... interminavel!...

De homem tendes a fórma; mas, de genio a alma!...

Sereis Jupiter?... Apollo?... Um Anjo?... Uma Illusão?...

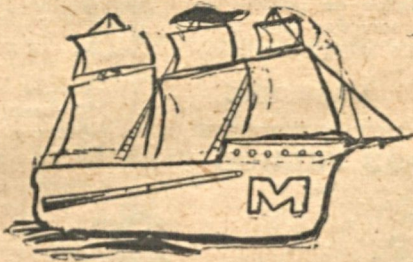
Eis o eterno enigma.

"Não sei dizer quem sois!" — Emma Muniz Alvares de Azevedo

Está conforme LA BLONDE

Grande do Sul; no quarto, os de Sergipe, Alagoas e Pernambuco; no quinto, os da Parahyba até o Ceará; no sexto, os do Piauhy até o Pará; no setimo, os restantes. Os charadistas que residirem affastados das capitaes, sem communicação facil e rapida, têm mais cinco dias sobre os prazos acima indicados. As justificações devem ser feitas dentro dos dois terços dos respectivos prazos.

ENIGMA PITTORESCO 270

A Flores

P. Ramalho (Guararema).

SOLUÇÕES

Do n. 736

Ns. 211 — Estrophe; 212 — Alicate; 213 — Mordomo; 214 — Mucajá; 215 — Perdição; 216 — Tribunal; 217 — Salmanazar; 218 — Ascoma; 219 — Pontiana; 220 — Abadiva; 221 — Caliana; 222 — Donato; 223 — Nero, Orne; 224— Gelva, selva, relva; 225 — Fraga, fraca; 226 — Gata, bata; 227 — Rafado; 228 — Edacidade; 229 — Limpopo; 230 — Lisbonina; 231 — Cuciofera; 232 — Umbratil; 233 — Entear; 234 — Caa-ataia; 235 — Movediço, moço; 236 — Valero, varo; 237 — Torcido, tordo; 238 — Sevandija, seja; 239 — Na conflagação européa, meio mundo luta, meio mundo enluta.

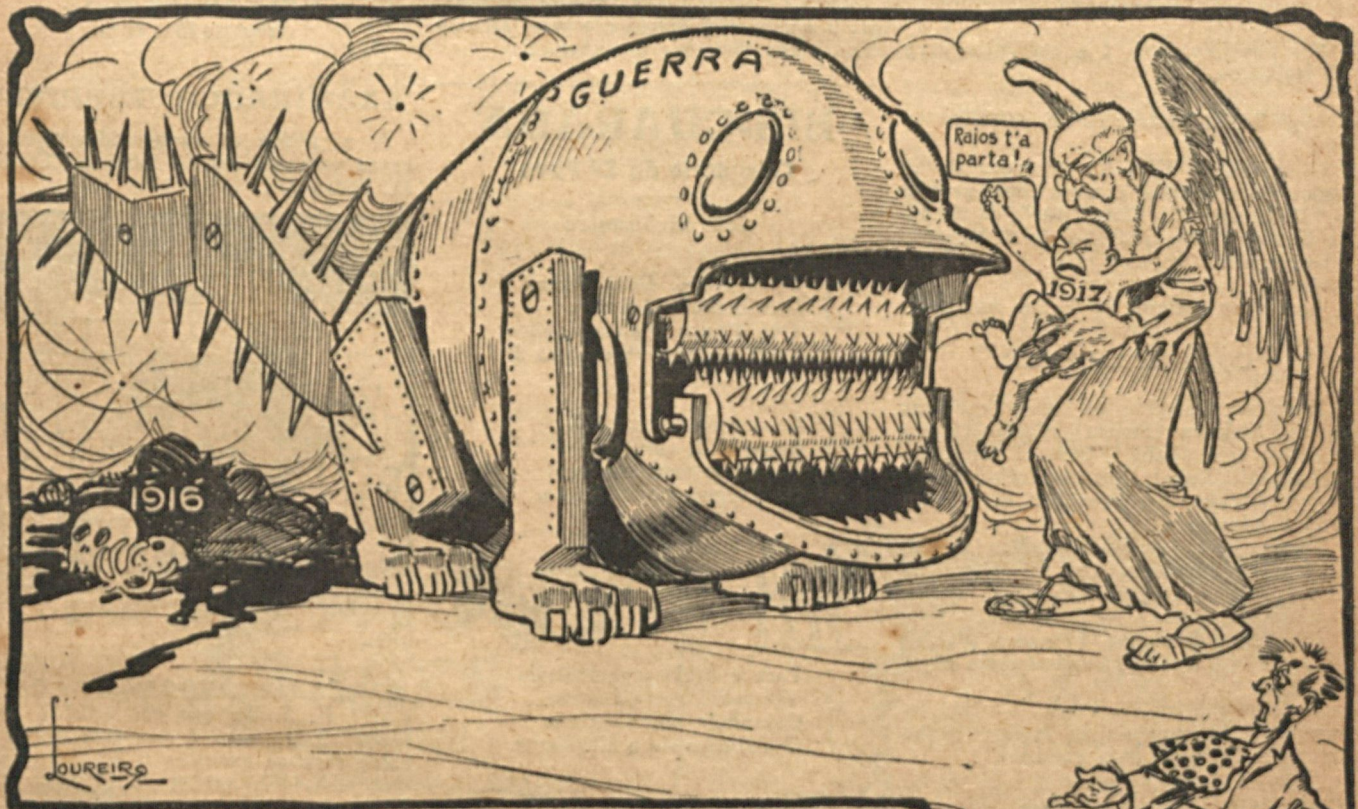
DECIFRADORES

Do n. 736:

Valete de Espadas (Minas), D. Ravib (Lafayette) Laurita,Bimbolacho (S. Paulo); Laurita, Astréa, Rigoleto, 29 pontos cada um; Dr. Xis, Tiririca, Planeta (São Carlos), Granadeiro (idem), Tio Góes (idem), Gil Virio (idem), Antonio Carlos, Rob, 28 pontos cada um; Antonius (Traipu'), 25; Pompeu Junior (S. Paulo), 23; Virgilio Paes da Silva (Guararema), P. Ramalho (idem), 22 cada um; Justino Clarel, 18; Dr. Gralha Callado, Lord Byron (Natal), 17 cada um; Lord Windsor (S. Paulo), Perry Bennet, Conde de Salvaterra (S. Paulo), Josias (São José de Paraopeba), 15 cada um; Quasimodo, Petropolitano, Bellezinha (Votorantim), 14 cada um; Caboré (Votorantim), Siltares (Belém), 13 cada um; Scherlock Holmes (Dous Corregos), 12; Renato Pereira Guimarães (Monte-Mór), 11; Mystica, 10; Parizot (S. Paulo), 9;

ALBUM

José Teixeira dos Reis, estimado escripturario da Companhia E. F. Mogyana, em Guaxupé — Estado de Minas — e nosso constante leitor.

O ANNO NOVO NA EUROPA

O TEMPO : — Tem paciencia, filho! Entra na bocca do lobo : chegou a tua vez!

ZE' : — Máus raios partam as invenções dos homens! Vejam só o que o monstro fez do 916!... Entrou-lhe pelas fauces, como vae entrar o 917, e sahiu-lhe pelo outro lado, como adubo sangrento da terra!...

E chama-se a isto—invenções da civilisação e... do diabo que os carregue!...

O TAL DOUTOR..

— *Mas, afinal, quem teria achado a solução, a formula do accordo sobre o caso de Matto Grosso?*

— *Ora, que pergunta! Foi o Lauro Müller...*

— *Livra! Que homem terrivel esse tal Dr. Faz Tudo!...*

José Alves Franktdampfer d'Assis (Matto Grosso), 5; Bomvedro (Monte Carmello), 2.

Campeonato de 1917

CONCURSO PARA O MELHOR TRABALHO

Foi inscripto mais 1 e recebidos mais 18 trabalhos.

3º TORNEIO D'ESTE ANNO

O charadista Pygmeu, vencedor do 1º logar, nesse torneio, recebeu como premio o "Diccionario do Charadista", de A. M. de Souza, e Marujinho, o de 2º logar, o "Diccionario Etymologico", de Silva Bastos.

Ambos os premios já foram entregues.

CORRESPONDENCIA

Enviaram trabalhos os seguintes charadistas: Beljova (Santos), Carlio (Santo Aleixo), Iole (Bahia), Manuel Aureliano Cavalcanti (Lage), Bembem (Parahyba), Jenny, Archimedes, Francisco de Araujo Vieira (Jacobina).

Texas Jack (Belém) — Não figura, porque os pontos a que se refere, no n. 729, não nos chegaram ás mãos.

Beljova (Santos) — Scientes.

João de Cannabrava (Ventura, Bahia) — Nem 131, nem 135; ambos estão esgotados.

F. Rubens Mira (S. Paulo) — Não temos mais os numeros de Junho e Julho de 1914. Nenhum para remedio.

Flôres (Goyandira) — A antiga — *Cornucopia* — Já está melhor, quanto a metrica, mas o assumpto tomado para a construcção dos versos não tem seguimento natural, como se estivesse narrando um facto. Porque em vez de enveredar logo por um alexandrino, que é dos mais difficeis, não preferiu antes o verso de sete syllabas? E mais facil para começar... E' no alexandrino que naufragam muitos poetas.

Dr. Xis — Os dous terços do prazo são sómente para justificações de pontos, e não para remessa de soluções, por isso perdeu o 238. *Gafanhoto, gato*, não serve.

MARECHAL

O CONSOLO DOS VELHOS

ANNO VELHO: — Que trazes ahi, pirralho?

ANNO NOVO: — Nada de novo, para variar...

ANNO VELHO: — Sim... pelo que vejo, trazes um gato, como eu...

ANNO NOVO: — Com uma differença: o teu já está morto e o meu, estando vivo, ainda me póde arranhar...

BIS-CHARADA

Calendario do Zé Povo

Mez de Janeiro

Dias:

1 — Anno Novo. Bôas Festas
Gentilissimos leitores,
Que d'estas pugnas honestas
Sahis sempre vencedores!

2 — Feita assim a cortezia
Sincera, de coração,
Entremos com bizarria
No Cachorro e no Pavão.

3 — Para o saldo orçamentario
Volumoso ser constante,
Consultem no calendario
O Carneiro ou o Elephante.

4 — Com a crise não se importem,
Nutram sempre muita fé.
E d'esta lista não cortem,
Mestre Burro e Jacaré.

5 — Coração bem sempre á larga,
Habeas-corpus lado a lado
Contra a sorte doce e amarga
Da má Cobra ou do Veado.

6 — E assim pondo termo á luta
Neste forte diapasão,
Avestruz vereis "batuta"
Montado no rei Leão!

EXAMINADOR TERRIVEL

A proposito do exaggerado rigor da banca examinadora de latim no Collegio D. Pedro II:

OS EXAMINANDOS: —Oh! Dr. Badaró! V. S. diz que não admitte "pistolões"... e como é que vem assim armado para os exames?!...

O EXAMINADOR: — Commigo é nove! Ou vocês todos sabem latim como gente, ou vão todos ao páu!

"Alea jacta est", e contra vosso, jogo no meu pistolão!...

Mais uma vergonheira!

"DE COMO UM GOVERNADOR DE ESTADO PREJUDICA O CONCEITO DO PAIZ INTEIRO"

"Com esses titulos, foi denunciado um plano do actual governador do Pará, em virtude do qual pretendeu elle por intermedio de dous parentes, negociar um emprestimo de 15 milhões de "dollars" (45 mil contos), nos Estados Unidos. Havia, porém, tal deshonestidade na proposta, que os banqueiros norte-americanos fizeram-lhe um bloqueio e, felizmente, o emprestimo fracassou." — *(Dos jornaes)*

TIO SAM : — Este rato queria roe este queijo com 15 por cento de abatimento e não com 12 por cento, como mim dava... Não é só o pobre : banqueiro quando vê muita esmola tambem desconfia... Mim desconfiou e fez do queijo isca, para rato cáe no ratoeira...

ZE' : — Yes! Tio Sam! Além do mais para esbanjamentos, eram 1500 contos que ficavam nas unhas dos parentes... Felizmente, o rato ficou preso, e, agora, com o Lauro Sodré á vista, ou elle morre na ratoeira ou não escapa do gato preto!...

(Ao auctor do "Quero-amar-te", publicado no "O Malho" 740

Eumenides, quem és tu,
Tão risonho e prasenteiro,
Que me vens bater á porta
Como um passaro agoureiro?

Por ventura, queres tu
Tomar debique commigo?
Sou moça compromettida,
Não quero prosa comtigo!...

Não te atrevas doutra vez,
Assim a tanta fundura.
Que te pode sair caro,
Tendo a vida em dependura.

Quem bole com os estranhos,
Sem saber de outro que são,—1—
Sua cara está disposta—1—
A tomar um bofetão.

Por tanto, senhor Euménides,
Conversa como tens sido, r
Toma nota do que fazes,—1—
Deixa de ser atrevido.

Iole (Bahia)

LOGOGRIPHOS 265 E 266

Aos novos desta secção.

Um magistrado chinez 9, 3, 4, 5, 3, 2, 8, 9.
Este trabalho consiste,
Porêm, agora... Um, dois, tres!
Tranformou-se em canto triste. 1, 6, 3, 8, 3.

Vamos outra vez. Sentido!
Uma fructa aqui, terão... 7, 8, 9, 3
E' um pomo apetecido.
Mas que causa destruição. 2, 6, 8, 4, 3.
Agora fiquem direitos.
Bem perfilados. Alérta!
Lá vae o "que" dos conceitos :
— Ave da Arabia deserta!
(S. Paulo)

F. Rubens Mira.

Quando vem surgindo o dia—9, 7, 5, 6, 7
E o bello sol reapparece
Nem assim tenho alegria!...

ENFERMO INVEJOSO

"Causaram a melhor impressão os exames da Escola de Enfermeiras. O doente figurado nessas provas foi um manequim." — (*Dos jornaes*).

O ZE' : — Vejam só ! Tanto estudo, tantos cuidados, tanto desvelo, tantos carinhos para um manequim de páu !... Entretanto, eu, que sou um manequim de pelle e osso, só encontro enfermeiros que me "tratam"... a páu !...

Tudo por fim me entristece,
A tarde vem logo fenece...
Sacro templo se illumina
Nelle vae fazer sua prece — 3, 8, 1, 7, 3,
Gentil, garbosa menina — 9, 7, 3, 4, 7,
1, 4, 5, 6, 7

Nem um descanço se quer
Este peito meu aquece !...
Nada disto é por mulher ! 6, 2, 3, 9,
4, 5, 4, 7

Porém no peito se encerra
Uma dôr que o enfraquece:
Saudade de minha terra!...

Ildefonso do Nascimento — (Campo Grande, Recife).

CHARADA INVERTIDA 267

(Por letras)

5 — Vêde, caro chefe, quanto augmenta dia a dia, em vossa secção, o numero dos charadistas que brilham!...

Estrella do Oriente (Bahia).

CHARADAS EM TERNO 268 E 269

(Por syllabas)

Ao Do Maior
A filha de um tal Creon
Tomou certa bebida
Por cortezia e bom tom.

Helia de Carvalho (Belem).

Ao charadista Carlos Costa
Esta planta conhecida
Off'reci a minha esposa
Para grandeza da vida.

Eumenides (Bahia).

AVISO

Os prazos terminarão: a 13, 18, 24, 26 e 28 do mez proximo, e a 7 e 12 de Fevereiro seguinte.

No primeiro prazo estão comprehendidos os charadistas desta capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas, ou via maritima; no segundo os dos outros pontos mais affastados de São Paulo, Minas e E. do Rio e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; no terceiro, os da Bahia, Santa Catharina e Rio

O ULTIMO «SHOOT»

"Depois de discutidos e sobretudo emendados com muitos favores pessoaes ou propinas de caracter individual, form á ultima hora enviados os orçamentos para a Camara, que os tem de engulir, approvando-os".—(*Dos jornaes*)

ZE' POVO : — Cuidado com o "shoot" da Camara ! E' o ultimo ! E' aquelle que sempre me esborracha o nariz !...

Leiam O TICO-TICO — o unico jornal exclusivamente creanças.

Officinas lithographicas d'O MALHO